

A NOVA POLÍTICA DOS COMUNISTAS E AS ELEIÇÕES

Artigo de Mário ALVES

(Na 5a. página)

Pela [★]Unidade e [★]a Coesão Do [★]Movimento Comunista

Editorial da revista italiana «RINASCITA»

(na 4a. página)



ANITA LEOCÁDIA PRESTES HOMENAGEADA EM SÃO PAULO

Anita Leocádia Prestes, acompanhada de sua tia Lúgia, foi recebida na Câmara Municipal de São Paulo pelo seu presidente e vereadores presentes. Também visitou o Ibirapuera, sendo recebida pelo prefeito em exercício da capital paulista sr. Cantídio Nogueira Sampaio. Num e noutro local, os homens públicos de São Paulo se manifestaram francamente a favor da garantia constitucional da liberdade a Luiz Carlos Prestes, permitindo-lhe retornar ao convívio de sua família e de todo o povo.

Nas fotos, vemos, em cima, a filha de Prestes ao lado do presidente da Câmara Municipal, sr. André Monaco; e, o vice-prefeito em exercício, sr. Cantídio Nogueira Sampaio, quando palestrava com a visitante, no Ibirapuera.

(Leia Reportagem na página Central)

NESTE NÚMERO:

- ☆ **PROBLEMAS AGUDOS QUE NÃO DEVEM SER CONTORNADOS** — Editorial (3a. página)
- ☆ **CRESCER O INTERCÂMBIO COMERCIAL BRASILEIRO-POLONÊS** — Reportagem de Fragmon Carlos BORGES (Página central)
- ☆ **LUTAR POR UM GOVERNO NACIONALISTA DEMOCRÁTICO, TAREFA POLÍTICA DE PRIMEIRA ORDEM** — Artigo de J. Armando de CASTRO (5a. Página)
- ☆ **O REINÍCIO DOS TRABALHOS PARLAMENTARES E OS PROBLEMAS POLÍTICOS EM FOCO** — Comentário Político (3a. página)
- ☆ **O ESTADO ÁRABE UNIFICADO** — Crônica Internacional (2a. página)



O povo do Cairo reúne-se diante da Universidade a fim de saudar a abertura do Congresso de Solidariedade Afro-Asiática. — (Texto na 12ª página)

Primeiro Satélite Artificial Dos Estados Unidos

FELICITAÇÕES CORDIAIS DOS CIENTISTAS SOVIÉTICOS

Após os sucessivos fracassos com o foguete "Vanguard" da Marinha de Guerra, conseguiram finalmente os Estados Unidos lançar ao espaço o seu primeiro satélite artificial, graças ao foguete "Júpiter-C", do Exército. O lançamento teve lugar no Cabo Canaveral, no dia 31 de janeiro último, e os sinais do "Explorador", nome dado ao satélite, estão sendo ouvidos em numerosos países.

O satélite norte-americano é de pequenas dimensões — tubo com 15 cm de diâmetro e 90 cm de comprimento, e de pequeno peso — cerca de 13 quilogramas. O "Sputnik I" era uma esfera com 58 cm de diâmetro e 83 quilogramas de peso. O "Sputnik II", ainda em sua órbita, tem quase cinco metros de comprimento, e pesa 508 quilogramas.

Os cientistas soviéticos felicitaram imediatamente seus colegas norte-americanos pelo feito.

"Os cientistas soviéticos sentem-se felizes ao ter conhecimento do êxito dos seus colegas norte-americanos no lançamento de um satélite", declarou o presidente da Academia de Ciências da União Soviética, Alexandre Nesmevanov, aos jornalistas ocidentais que lhe comunicavam o êxito dos Estados Unidos no lançamento do "Explorador".

"Nossas felicitações aos cientistas norte-americanos", declarou de seu lado um porta-voz da comissão estatal soviética nas Relações Culturais.

"É uma boa notícia o êxito do lançamento do satélite norte-americano", declarou o secretário

do "comité" soviético do Arco Geofísico Internacional, o qual, em nome do "comité" felicitou vivamente os cientistas norte-americanos pelo seu êxito.

O êxito do foguete norte-americano "Júpiter-C", que lançou ao espaço o "Explorador", po-

derá ter como consequência uma intensificação ainda maior da corrida armamentista no domínio dos projetos balísticos intercontinentais. Por outro lado, o satélite "Explorador", que, como os "Sputniks" não é arma de guerra, poderá estimular poderosamente a colaboração pacífica, no terreno puramente científico, entre a União Soviética e os Estados Unidos. Torna-se assim ainda mais urgente um primeiro acordo de desarmamento que ponha fim à guerra fria e à corrida armamentista. Esta é a tarefa primordial dos povos nas atuais circunstâncias internacionais, em que a acumulação do poderio atômico por parte das grandes potências mantém o perigo de uma catástrofe, apesar das condições extremamente favoráveis às forças da paz, que são hoje mais fortes e podem impedir a guerra, se se mantiverem unidas e vigilantes.



Após a assinatura do Tratado, o vice-presidente Chu Teh (ao centro), o Premier Chou En-Lai (à esquerda) e o Príncipe do Yemen — Mohamed Al-Badr (à direita), erguem um brinde para festejar a assinatura dos tratados de acordo e o comunicado conjunto

QUEBRA-GELOS ATÔMICO «LENIN»

Em entrevista à imprensa, o comandante Pavel Ponomarev, que dirigirá o primeiro avião quebra-gelo atômico do mundo, forneceu interessantes detalhes sobre os seus características.

O quebra-gelo atômico modificará consideravelmente o caráter da navegação ártica. Pode conduzir navios de transporte em condições glaciais tão difíceis que não seriam suportadas pelos quebra-gelos comuns. Ao passo que os quebra-gelos correntes só podem abrir caminho quando a espessura de gelo é de no máximo 80 centímetros, o quebra-gelo atômico poderá fazê-lo com espessuras iguais ao triplo desse padrão. Além disso, o quebra-gelo comum, antes de iniciar viagem, precisa ser abastecido com mais de 2.000 toneladas de combustível, que serão aliás suficientes apenas para dois meses. O quebra-gelo atômico consome por dia somente algumas gramas de urânio e pode navegar durante um ano sem necessidade de reabastecimento.

O reator atômico transmite energia aos três motores principais do navio, com uma potência de 41.000 cavalos, superior ao dobro da potência do famoso quebra-gelo comum norte-americano "Gletcher". Um sistema especial protege os alimentos armazenados no navio das radiações nocivas. No quebra-gelo funcionarão um salão de música, uma biblioteca com sala de leitura, uma sala de projeções cinematográficas, um clube, cozinha elétrica, enfermaria polilíngua, etc. A tripulação do navio está sendo completada neste momento, e a primeira viagem iniciará em breve.

DELEGAÇÃO EGÍPCIA NA URSS -



Acaba de visitar a União Soviética uma delegação governamental egípcia, chefiada pelo ministro da indústria daquele país. O clichê fixa o momento em que, no Kremlin, eram entabuladas conversações entre a delegação visitante e membros do governo soviético. Vemos na foto, Nikita Kruschiov, Nicolai Bulgárin, A. I. Mikoian e M. G. Perukin (Foto da Agência TASS)

INCLINAÇÕES NIPÔNICAS PARA O ARMAMENTISMO

Estão despertando viva indignação na opinião pública japonesa os planos do poderoso consórcio industrial «Shin Mitsubishi», de produção em massa de foguetes militares teleguiados. Uma seção para esse fim já estaria sendo construída na grande fábrica de aviões de Nagoya, pertencente ao referido consórcio.

A «Shin Mitsubi», que possui também fábricas de material elétrico, estaleiros navais e companhias de petróleo, pretende agora lançar-se à in-

dústria armamentista, não só no ramo da produção de projéteis teleguiados, como em outros.

O jornal chinês «Ta Kung Pao» denuncia como perigosos esses planos, que são bafejados pelo governo japonês, e que constituíram um novo passo para incluir o Japão no sistema militar atômico dos Estados Unidos. «O território do Japão é longo e estreito, e além disso densamente povoado», lembra o jornal «O governo Kishi deveria lembrar-se que quem brinca com fogo pode queimar-se.»

Na França: CAMPANHA CONTRA RAMPAS DE LANÇAMENTO

Por iniciativa do Conselho Nacional da Paz, inicia-se na França uma ampla campanha contra a instalação no país de rampas e bases para o lançamento de projéteis e para o encerrar o governo francês a tomar iniciativas em favor de um acordo internacional de desarmamento.

Quarenta e quatro organizações locais do Conselho Nacional da Paz, em Paris e seus subúrbios, já começaram a coleta de assinaturas, com grande êxito.

No interior do país, a campanha está sendo conduzida pelo Conselho Nacional de Camponeses para a Defesa da Paz e da Agricultura. Em congresso realizado recentemente, este Conselho de camponeses franceses denunciou a guerra na Argélia, que está trazendo para a França ruína, derramamento de sangue, desprestígio internacional e perda de soberania. Forçado a obter fundos para a guerra da Argélia, afirma o documento dos camponeses franceses, o governo se inclina a ir até ao extremo de ceder o território do país para a instalação de bases norte-americanas de lançamentos de foguetes. «Essa decisão louca equivaleria a reduzir a França a um deserto atômico, no caso em que infortunadamente irrompesse uma guerra entre os Estados Unidos e a União Soviética.»

Crônica Internacional ESTADO ARABE UNIFICADO

EM MEIO a intensas manifestações de júbilo popular nas capitais da Síria e do Egito, foi solenemente proclamado no Cairo, às 16 horas do dia 1 do corrente, o Estado Árabe Unificado. Rodeados pelos ministros de ambos os gabinetes, e por parlamentares dos dois países, os presidentes Nasser e Kuaith assinaram o ato que unifica num só Estado o Egito e a Síria. O novo Estado será uma República, e a ele se poderão unir, desde que o desejem e solicitarem, outras nações árabes. Tudo indica que o novo Estado constituirá assim o embrião de uma ampla Federação de países árabes. Divulgam as agências telegráficas que o Iemen já teria solicitado sua inclusão no Estado Árabe Unificado.

Nasser e Kuaith deixaram claro em seus discursos que a unificação da Síria e do Egito tem como objetivo reforçar a independência e soberania de ambos os países contra as maquinacões do imperialismo, e constitui um novo e decisivo passo na luta de todos os povos árabes contra o colonialismo e por sua plena e efetiva independência nacional.

Enquanto os governos do Cairo e de Damasco ultimavam os preparativos para a unificação, realizava-se em Ankara a reunião do Pacto de Bagdad, nova e desesperada tentativa do imperialismo norte-americano para reanimar a "doutrina Eisenhower". Foster Dulles compareceu em pessoa, a fim de "levantar o moral" dos membros do Pacto, entre os quais reinam contradições e divergências muito maiores ainda que as que caracterizaram a recente reunião da OTAN. Apesar do esforço antisoviético desenvolvido por Foster Dulles em dois discursos, acompanhado da magra promessa de uma "ajuda econômica" de 10 milhões de dólares — para a interligação telefônica das capitais dos países asiáticos membros do Pacto —, ficou claro o fracasso da reunião. Dela só resultaram declarações históricas de caráter guerreiro, anticomunista e contra o alívio da tensão internacional e a coexistência pacífica. As contradições e insatisfações continuaram, no entanto. A reunião de Ankara foi inteiramente ofuscada pela proclamação da união entre a Síria e o Egito, que constitui a mais alta resposta dos povos árabes às novas intrigas e provocações do imperialismo norteamericano.

Proclamado o Estado Unificado Árabe, seguir-se-á um período de transição, durante o qual os Parlamentos da Síria e do Egito elaborarão o Estatuto Federal comum. O novo Estado terá um único presidente, um único Parlamento e um gabinete federal. A capital será o Cairo, mas haverá descentralização na administração, com um governador em Damasco e gabinetes locais em ambos os países. Os Ministérios das Relações Exteriores e o corpo diplomático serão imediatamente unificados, assim como as forças armadas. A sede das representações diplomáticas estrangeiras será o Cairo, mas as nações que o desejarem poderão transformar em consulados gerais suas representações em Damasco. Esses detalhes, já divulgados, atestam que a unificação da Síria e do Egito é efetiva, e não apenas formal.

Como muito bem proclamou em decisão recente o Comitê Central do Partido Comunista da Síria e Líbano, "a realização da união entre a Síria e o Egito se tornou possível depois que os dois países se libertaram da dominação e da influência do imperialismo e adotaram uma política independente e de libertação nacional". "A união levará ao fortalecimento de ambos os países e unificará sua luta contra o imperialismo". "A união consolidará duas pátrias libertadas e aumentará o seu peso nas negociações internacionais em benefício da causa dos povos árabes e da causa da Paz Mundial".

O novo Estado Árabe Unificado continuará e intensificará a política de boas relações com a União Soviética e os países socialistas, que já vinha sendo seguida pelos governos do Egito e da Síria. Com a sua criação, ficará reforçada a posição dos países amantes da paz da Ásia e da África que ocupam uma posição ant imperialista e formam com os países socialistas uma ampla zona de paz.

Os povos amantes da paz, em todo o mundo, saudam calorosamente a constituição do novo Estado Árabe Unificado.

VOZ OPERÁRIA

Diretor-Responsável
Mário Alves

MATRIZ:
Av. Rio Branco, 257, 17º and., s/ 1.712 - Tel. 42-7344

ASSINATURAS:

Annual	150,00
Semestral	80,00
Trimestral	60,00
Núm. avulso	3,00
Núm. atrasado	5,00

Aérea ou sob registro: despesas a parte.

Problemas Agudos Que Não Devem Ser Contornados

TRANSCORRENDO o segundo aniversário da sua administração, o presidente Juscelino Kubitschek fez uma prestação de contas para a opinião pública. Cifras abundantes, realizações variadas e índices as metas a atingir. O quadro apresentado pelo presidente da República é todo otimista, deixando suscitados os possíveis aspectos sombrios e os problemas inquietantes. Será justo traçar, nesta hora, um quadro tão risonho? Estarão já resolvidos ou com solução encaminhada todos os graves problemas, que se apresentam com caráter inadiável diante do povo brasileiro?

SE o presidente adota uma atitude de extremo otimismo, os setores da oposição sistemática, por sinal aqueles mais comprometidos com o golpe e o entreguismo de inspiração norte-americana, respondem com o extremo pessimismo. Será justificável esse pessimismo incondicional intransigente?

TRATA-SE de apreciar o conjunto da situação brasileira e decidir por determinados rumos. Os comunistas rejeitam o pessimismo incondicional, a priori, de sentido puramente destrutivo, que, muito sintomaticamente, se tornou uma constante nos elementos mais empenhados em deter o desenvolvimento do país no sentido da sua emancipação econômica. Os comunistas têm uma atitude positiva diante desse desenvolvimento, empenham-se construtivamente em fortalecê-lo e acelerá-lo, julgam que, nas condições internacionais do mundo de hoje, pode o Brasil resolver, de modo pacífico, os problemas cruciais de sua vida econômica e política.

Poristo mesmo, partindo de um critério objetivo e porque consideram conveniente para a classe operária e para o povo brasileiro esta solução dentro dos marcos da legalidade democrática, os comunistas não negam a existência de pontos positivos no balanço do presidente Kubitschek. O Brasil tem avançado, as suas forças produtivas estão em expansão e isto não pode deixar de se refletir em sua superestrutura política, conduzindo à integração no governo de um setor nacionalista, cuja influência é sensível e crescente, apesar de suas evidentes vacilações. Firmou-se ou vai se firmando, assim, uma política nacionalista no que se refere ao petróleo, siderurgia, minerais atômicos, café e outras esferas básicas da produção.

Os problemas brasileiros não podem, porém, ser equacionados em função do simples crescimento quantitativo dos índices de produção, índices, em muitos casos, ainda não realizados, existindo, apenas, em termos de «metas». Ao encarar as coisas por este prisma simplista, o presidente Kubitschek contornou, em sua prestação de contas, precisamente as questões mais agudas e, ao fazê-lo, minou o otimismo, que pretendia transmitir à opinião pública. Estas questões reclamam o esforço comum de todos os patriotas, de dentro e de fora do governo, motivo porque caberia ao presidente da República postular-las diante da nação. Não o fez e com isto também mostrou, ao lado dos pon-

tos positivos, as sérias limitações de que continua a padecer o seu governo.

E o próprio desenvolvimento econômico, que está a exigir uma mudança profunda na política interna e externa do país. Este desenvolvimento não é acompanhado por uma ampliação suficientemente rápida do mercado interno e, não por acaso, são setores entre os mais importantes da indústria de bens de consumo, como os de tecidos e calçados, que agora enfrentam maiores dificuldades. A coisa reside na permanência de estranhas relações agrárias semifeudais, que ainda agilham milhões de camponeses e reduzem o seu poder aquisitivo a um nível baixíssimo. A questão agrária foi trazida à luz, com inusitada violência, pelos acontecimentos do sudoeste do Paraná. Do contrário, nenhum governo poderá contorná-la e fugir a ela. As medidas que encaminhem a sua solução num sentido progressista se tornam cada vez mais imperativas.

A CLASSE operária é o agente primordial do desenvolvimento econômico do país e, entretanto, é sempre ela quem sofre os mais graves efeitos do processo inflacionário. Como conciliar com o otimismo do presidente o fato de que, no ano passado, o papel-moeda em circulação aumentou em quase 16 bilhões de cruzeiros? O mal crônico do déficit orçamentário atingiu um nível astronômico precisamente no atual governo e não parece que venha a ter cura em 1958, apesar do paliativo das emissões especiais, de letras do Tesouro autorizadas pelo Congresso. Esta situação ameaça, em primeiro lugar, as massas trabalhadoras e todo governo que pense em fazer uma política popular deve levar em conta os seus interesses.

E POREM, na inteira omissão dos principais problemas da política externa que reside a falha mais clamorosa do discurso do sr. Juscelino Kubitschek. São precisamente esses problemas que agora preocupam, de modo imediato, a opinião pública.

O DESENVOLVIMENTO econômico do país se choca e se chocará cada vez mais com a situação de dependência em que o nosso país se encontra com relação ao imperialismo norte-americano. É nesta dependência que a nação identifica a origem das resistências a uma medida de interesse autenticamente nacional, como o estabelecimento de relações normais com a União Soviética e os demais países socialistas. É nesta dependência que radica uma política exterior caudatária do Departamento de Estado, é dela que decorrem as facilidades de que dispõe o capital monopolista lanque para se apossar de postos-chave da economia brasileira.

A NECESSIDADE destas mudanças na política interna e externa se vai fazendo sempre mais consciente no seio das massas e de amplos círculos políticos. A esta necessidade deverá atender o governo se não quiser deter-se ou recuar no caminho da emancipação nacional. Na possibilidade real de concretizar essas mudanças é que estão as razões atuais da luta e do otimismo do povo brasileiro.

Comentário Político

REINÍCIO DOS TRABALHOS PARLAMENTARES

Reaberto o Congresso, com a instalação da sessão extraordinária convocada pelos elementos prorrogacionistas, os partidos políticos e suas bancadas, especialmente na Câmara dos Deputados, terão de enfrentar três importantes questões políticas: a da prorrogação de mandatos, a da mesa da Câmara e a das relações com a União Soviética e demais países socialistas.

Quanto à primeira questão, que foi o móvel da convocação, tudo indica que será liquidada na Câmara como resultado da repulsa unânime do povo brasileiro, que já se mobiliza para o pleito de 3 de outubro e que se manifestou, através de energias pronunciamentos de todos os setores sociais e políticos do país, contra o esbulho arquitetado pelos políticos temerosos do resultado das urnas. Notícias aliás, os jornais que, no recente encontro do Presidente da República com os líderes dos partidos que o apoiam no Congresso, foram assentadas iniciativas e medidas que visam a rápida derrota da imoral e anti-democrática proposição.

A segunda questão já está movimentando os partidos e suas facções internas. A ala moça do PSD pretende manter o posto e o Sr. Ulisses Guimarães ainda não abriu mão de sua reeleição apesar de candidato ao governo de São Paulo. Os elementos da ala velha do PSD de São Paulo procuram encaminhar o nome do sr. Horácio Laffer, apegando-se ao princípio do rodízio (de paulistas). Mas são também candidatos os pesedistas Oliveira Brito (Bahia) e Menezes Pimentel (Ceará), além do indefectível Sr. Gustavo Capanema, que procurará reeditar o esquema que elegeu o Sr. Carlos Luz (ligação com a UDN). Dada a relevância do cargo (segundo substituto eventual do Presidente da República) a luta de bastidores, ora em curso, ganha foros de importantes problemas de política nacional.

Mas o debate do reatamento de relações com a URSS constituirá, sem dúvida, o assunto parlamentar de maior ressonância na opinião pública dada a importância dos interesses nacionais em jogo. Aparte as forças mais retrógradas e obscurantistas e os agentes imperialistas, todos os setores da vida social e política do país já se manifestaram favoravelmente às relações com a URSS.

demais países do campo socialista. O Presidente da República, a quem compete privativamente resolver o problema, preferiu ouvir antes a opinião dos congressistas. Aliás, logo na primeira reunião da Câmara, o deputado nacionalista Sérgio Magalhães enviou à mesa fundamentado requerimento solicitando do Itamaraty a integral do relatório secreto que este enviou ao governo. Afirmou o

deputado em seu requerimento que tudo indica haver o Itamaraty se orientado por velhos preconceitos e não pelos altos interesses da nação.

O requerimento do representante trabalhista do Distrito Federal servirá de base ao debate, para o qual certamente se voltará a atenção da opinião democrática e progressista do país e de todo o povo brasileiro.

MENSAGEM DOS COMUNISTAS BÚLGAROS A LUIZ CARLOS PRESTES

Por motivo do sexagésimo aniversário de Prestes o Comitê Central do Partido Comunista Búlgaro enviou a expressiva mensagem que a seguir transcrevemos.

“Querido camarada Prestes: Por ocasião do seu sexagésimo aniversário, o Comitê Central do Partido Comunista Búlgaro saúda calorosamente em sua pessoa o destacado homem político do movimento operário internacional, valente dirigente da classe operária brasileira, e ardente lutador pelo triunfo das idéias do marxismo-leninismo.

A sua maravilhosa vida, cheia de heroísmo e abnegação dedicada à luta pela libertação da classe operária, inspira o movimento operário internacional em sua luta pela paz e o socialismo, pelo fortalecimento da amizade entre os povos

De todo o nosso coração lhe desejamos, camarada Prestes, uma saúde brilhante e muitas forças, para que trabalhe sempre assim, incansavelmente, pelo bem do povo brasileiro e o prosperidade do movimento internacional comunista encabeçado pelo Partido Comunista da U.R.S.S.

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA BÚLGARO.”

VIDA ECONÔMICA

USIMINAS Está indicado para a presidência da USIMINAS o engenheiro de minas Amaro Lanari. Suas credenciais são as seguintes: Diretor da Lanari S. A. Indústria e Comércio de São Paulo; acionista do Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais e da Sociedade Renascença Industrial de Belo Horizonte.

BANCO BOAVISTA Depois de ter comprado o Banco do Comércio, o Sr. Walter Moreira Salles adquiriu agora as ações do Banco Boavista, que pertenciam aos herdeiros do Barão de Saavedra. Prossegue assim a concentração do capital bancário nas mãos dos grupos ligados a Rockefeller no Brasil.

BRASÍLIA Para a construção de Brasília o Banco do Brasil já adiantou a NOVACAP 300 milhões de cruzeiros na conta do seu financiamento de 1 bilhão de cruzeiros para aquele empreendimento. Além disso, institutos, autarquias e demais ministérios estão deslocando para lá outros bilhões. Não há dúvida, Brasília já está começando a ser uma realidade no plano central, mas o povo brasileiro também já está pagando muito caro para ter uma nova capital, quando outros problemas exigem indiscutível prioridade para serem resolvidos de acordo com os interesses nacionais.

PETRÓLEO X ÁLCOOL O Conselho Nacional do Petróleo acaba de reduzir a cota de álcool anidro na gasolina. Com isso vão se beneficiar os “trustes” do petróleo que terão seus fornecimentos aumentados com desembolso de mais divisas por parte do Brasil, além do prejuízo direto da indústria nacional do álcool que terá seu mercado interno diminuído. Será que já estava na hora de se fazer isto em benefício da “Petrobrás”? Acharmos que essa medida veio cedo.

AS EMISSÕES CONTINUAM A média das emissões durante o ano passado foi de 1 bilhão de cruzeiros por mês. Nos primeiros dias de janeiro deste ano já foram emitidos dois bilhões de cruzeiros. Clara indicação de que teremos mais um ano vigorosamente inflacionário. Começamos o ano com 99 bilhões de cruzeiros em circulação.

A Defesa do Café Interessa à Economia da América Latina

SETORES SOCIAIS CONSERVADORES EM CONTRADIÇÃO COM O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO

A criação da Organização Internacional do Café (OIC), com os objetivos e poderes estatuidos no seu convênio constitutivo, representou uma vitória para os países produtores e assinala uma mudança na política tradicional de comércio exterior de vários países sub-desenvolvidos, de passividade ante os desígnios do principal país consumidor, os Estados Unidos, que controlavam preços e mercado. Pela primeira vez na história, unem os seus esforços países sub-desenvolvidos, em torno de uma organização internacional, para defesa de um produto seu. Contribuindo com 18 por cento

das exportações mundiais de café, os países produtores latino-americanos têm nos Estados Unidos os compradores de mais de 50 por cento do total de suas exportações. Até aqui meia dúzia de firmas norte-americanas, através da Bolsa de Café e Açúcar de Nova Iorque, manipulavam o mercado segundo os seus interesses e ditavam os preços. Os países produtores, inclusive o Brasil, limitavam-se a adotar medidas internas, de emergência, diante da instabilidade das exportações e do aviltamento dos preços. Em geral, tais medidas, que chegaram, no Brasil, à queima massiva, de café oneram a

economia daqueles países. Estando sempre o café em primeiro ou segundo lugar, entre os itens da importação norte-americana, é grande a sua importância na economia dos Estados Unidos, ao contrário do que fazer a propaganda imperialista, que apresenta como fruto da política de “boa-vizinhança” o interesse dos lanques pelo produto. Tudo fizeram os representantes norte-americanos, durante a Conferência, para limitar os objetivos da organização e reduzi-la a uma entidade inócua, destinada exclusivamente à propaganda e à estatística da produção e do

consumo. Durante as conversações mantidas na Conferência, o delegado norte-americano Mr. Randall, afirmou que o governo dos Estados Unidos considerava contrários aos interesses dos consumidores norte-americanos os termos em que estava redigido o § 4º do Art. II do Convênio, precisamente aquele que conferia à Organização poderes para formular e sugerir aos governos dos países membros medidas em defesa da economia cafeeira, inclusive no que se refere a preços. Apesar das tentativas norte-americanas, cuja delegação agiu (CONCLUI NA 2ª PÁGINA)

Pela Unidade e a Coesão do Movimento Comunista

N. R. — Reproduzimos, a seguir, a íntegra do editorial que, sob o título acima, foi publicada na edição de outubro-novembro de 1957 da revista italiana «Rinascita», dirigida pelo camarada Palmiro Togliatti.

A CELEBRAÇÃO do 40º Aniversário da Revolução de Outubro, acompanhada do lançamento dos dois satélites artificiais, sublinhou de modo clamoroso e evidente para todos as mudanças radicais ocorridas no horizonte internacional. Não é uma frase retórica a afirmação que o movimento comunista se apresentou às celebrações de Moscou com um balanço grandioso de sucessos: em quarenta anos foi transformada a face do mundo, surgiu um sistema de Estados Socialistas, os imperialistas perderam a supremacia, as relações de força mudaram profundamente a favor do socialismo, as contradições dentro do mundo capitalista se complicaram e agravaram. O que não se deve esquecer é que esta excepcional reviravolta, que faz do nosso século um século de encruzilhada nas peripécias do mundo, foi o fruto não só de combates e de heroísmos, quais a civilização humana jamais conhecera a um grau tão alto, mas igualmente o resultando de uma elaboração teórica e política que não teve tréguas e que enfrentou e resolveu problemas extremamente complexos e árduos de análise da sociedade e de estratégia revolucionária.

O ESPÍRITO CRIADOR DO MOVIMENTO COMUNISTA

Ouviu-se frequentemente, nestes tempos, levantar contra o movimento comunista a acusação de imobilismo; e a crítica encontrou certo crédito mesmo em alguns setores do agrupamento operário e democrático na Itália. Na realidade, imóveis ficaram aqueles que ruminam esta acusação mentirosa e de tal ruminância anti-comunista não sabem e não podem extrair outra coisa senão insucessos e — ao máximo — o reenvenimento de teses social-democráticas já há muito refutadas na teoria e na prática. O pensamento comunista, pelo contrário, se moveu e se move.

Basta pensar na tática aberta e original com que os partidos comunistas guiaram a luta contra o fascismo, sobre a base de uma análise do fascismo que foi a primeira exata e científica, e na maneira como eles, neste decênio, desenvolveram e realizaram as geniais teses leninistas no que se refere à ação naquela vastíssima zona do mundo, que, por séculos esteve sujeita à dominação colonial. Basta pensar na crítica áspera, «jacobina», que os comunistas fizeram à ação de Stalin e ao complexo de erros definidos sob o nome de «culto à personalidade», na reforma audaz com que os dirigentes soviéticos estão procedendo a uma nova organização da indústria socialista, às formas e ritmos diversos com que foram enfrentadas e resolvidas as questões da economia socialista numa série de países, da China à Tchecoslováquia, da Bulgária à Polónia e à Iugoslávia. Somente os tolos e os cegos podem pensar que tenham sido possíveis a conquista e a consolidação do poder em um número de países tão diversos «copiando» o modelo soviético, ou podem ignorar quão rica, articulada e em desenvolvimento seja a solução que a tais problemas foi e vem sendo dada pela União Soviética, que não podia «copiar» a ninguém, porque nada de semelhante foi jamais enfrentado e resolvido na história do homem. E não podiam copiar e não copiaram os partidos comunistas dos países capitalistas, ali onde eles se tornaram partidos leninistas à frente de vastas massas: podiam e deviam, isto sim, abeberar-se da doutrina revolucionária, da experiência fundamental dos partidos irmãos, em primeiro lugar do Partido Comunista que abriu a estrada para todos, e daí extrair luz para a sua ação autônoma e original, como foi feito, por exemplo, na Itália, na França, na Espanha, como vêm fazendo, por exemplo, as frescas e já robustas vanguardas comunistas na Índia, na Indonésia, na América Latina.

AS CONDIÇÕES DA RENOVAÇÃO DO MOVIMENTO COMUNISTA

Em uma área tão ampla devia encontrar comprovação e aplicação criadora a nossa doutrina, enfrentando o adversário não mais apenas sobre o terreno da propaganda, mas da ação positiva, fosse ela conduzida com o poder conquistado ou como força de oposição.

Esta soma sem precedentes de elaboração teórica e política, de lutas de massa, de trabalho organizativo — que abrangem centenas de milhões de seres humanos e que encontrou tão grande expansão nos últimos dez anos — é certo que correu através de atritos, de dificuldades grandes e graves e mesmo de sérios erros; disso só podem espantar-se os estrategistas de café, que esquecem que tudo foi realizado no fogo da luta de classes, no ardor do encontro com o domínio do imperialismo, devendo conquistar e conduzir camadas oscilantes, através de alianças por vezes não consolidadas e abertas sempre à insídia desagregadora do adversário de classe. A própria questão da unidade do movimento comunista internacional e das relações entre os partidos irmãos necessariamente se pôs em termos novos. A experiência do Cominform, que era mesmo válida para orientar as vanguardas comunistas diante da contra-ofensiva do imperialismo em seguida a queda do fascismo, não havia resolvido aquela questão. A fórmula dos contactos bilaterais, seguida à dissolução do Cominform, tinha trazido um melhoramento, mas havia encontrado uma realização ainda limitada, e era de difícil aplicação pelos partidos comunistas e operários que dispunham de uma organização menos desenvolvida ou combatiam em condições de ilegalidade ou de semi-ilegalidade; ela não foi sobretudo suficiente para coordenar o vasto e impetuoso debate, que em todo o movimento comunista se desenvolveu após as históricas decisões do Congresso e da crítica do culto à personalidade. Debate difícil e laborioso na verdade, porque se entrelaçava estreitamente — nem podia ser de modo diverso — à necessária correção

dos erros do passado, a qual não era questão de sermões à mesa, mas batalha política nas próprias fileiras dos partidos comunistas e operários e entre as massas para quebrar as resistências sectárias, para a conquista de posições justas, e, por conseguinte, também, comportava ruturas, dificuldades e crises por vezes.

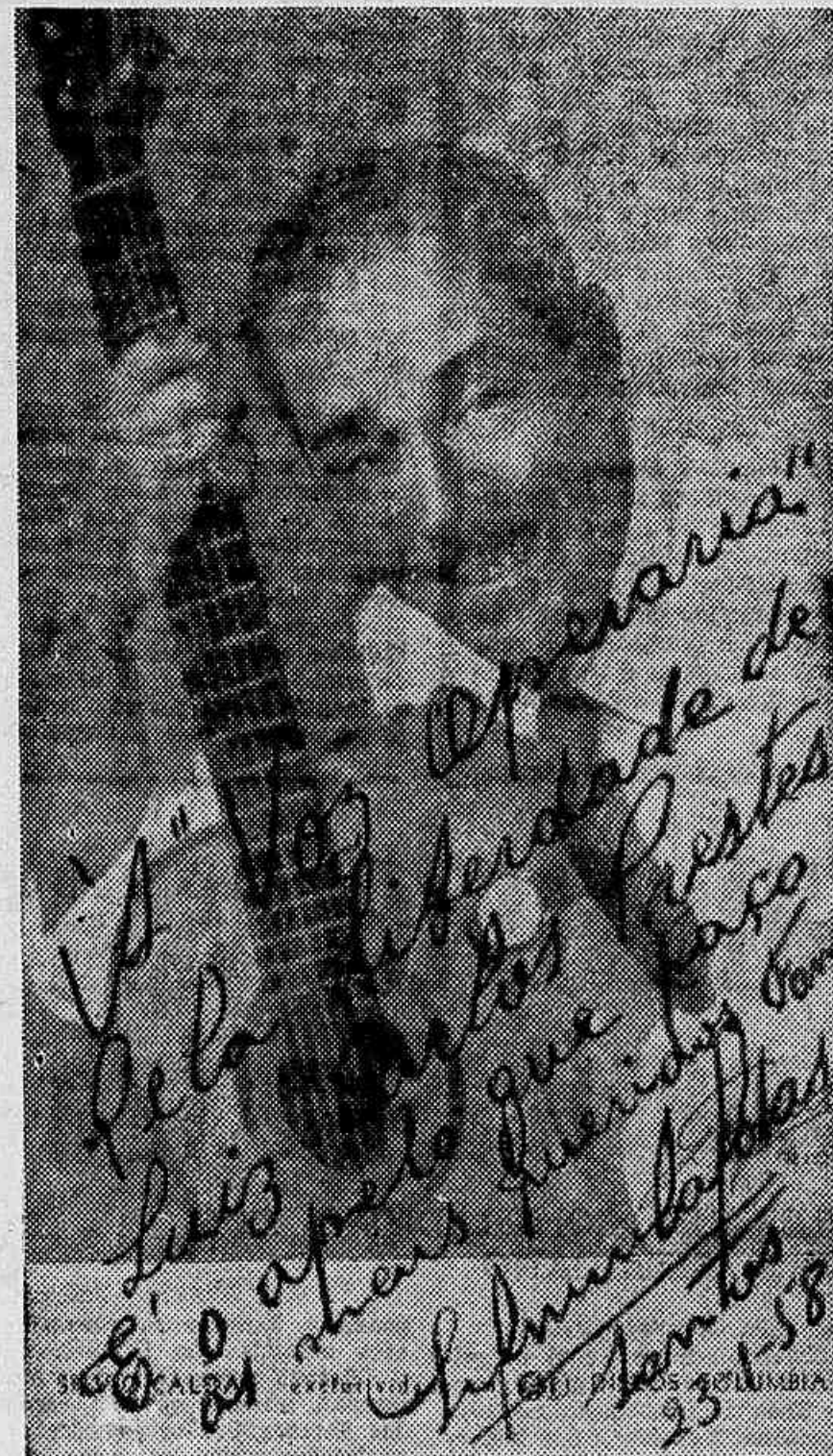
Neste trabalho procurava inserir-se o imperialismo, o adversário de classe, com a violência como na Hungria, levando a efeito agressões, como em Suez, e agravando a guerra fria, em todos os casos explorando a capitulação dos revisionistas e dos derrotistas, para tentar desagregar o campo socialista. Na verdade, de modo algum confiante em vencer o confronto sobre o terreno da competição pacífica, à qual o havia desafiado o XX Congresso, o imperialismo buscava uma via de saída para suas contradições num agravamento da situação internacional. Diante do movimento comunista internacional estava, pois, o triplice objetivo de levar adiante a obra de renovação de que o XX Congresso do PCUS havia dado um luminoso exemplo, de repelir o ataque do imperialismo e a insídia revisionista, de consolidar a unidade ideológica e política dos partidos comunistas e operários, dando às suas relações uma forma adequada à nova situação, que levasse em conta as experiências adquiridas, evitando alguns erros sérios que foram cometidos durante o período do Cominform, como a rutura com a Iugoslávia.

Os encontros de Moscou demonstraram que o movimento comunista internacional sabe dar execução a estas tarefas. Eles assinalaram a falência da manobra dos imperialistas dirigida a desagregar o campo socialista, reforçaram a unidade e a coesão dos partidos comunistas e operários, criaram as condições para uma eficaz colaboração entre eles.

REAFIRMAÇÃO DAS TESES DO XX CONGRESSO

A unidade atingida não foi formal, nem se realizou sobre o terreno de uma solidariedade genérica, mas sobre fundamentais questões de princípio, de estratégia e de tática do

UM GRANDE CANTOR SE MANIFESTA PELA LIBERDADE DE PRESTES



Silvio Caldas é um dos mais queridos intérpretes da música popular brasileira. Já há mais de vinte anos, a sua arte se firmou no conceito de todo o país, consagrando-o, pelo estilo pessoal e pelos extraordinários recursos de interpretação, como um dos melhores cantores, que já tiveram os gêneros populares mais típicos da canção brasileira. Silvio Caldas enviou ao nosso jornal a sua fotografia com uma dedicatória, que está assim redigida: "A 'Voz Operária'. Pela Liberdade de Luis Carlos Prestes. E' o apelo que faço aos meus queridos fans. Silvio Caldas. Santos. 23-1-58."

movimento operário. Revisionistas e derrotistas tentaram alinhavar uma absurda contraposição entre as teses do XX Congresso do PCUS e a Declaração da Conferência dos Partidos Comunistas e Operários dos países socialistas. A verdade é, porém, que a declaração é uma precisa confirmação das teses que o XX Congresso do PCUS elaborou sobre a base das experiências de todo o movimento operário; e quem quer que tenha senso político compreende a importância que assume uma reafirmação tão solene, que vem após um debate desenvolvido no movimento comunista no curso de dois anos, após dificuldades e provas como os fatos da Polónia e da Hungria, e mesmo diante das falsificações revisionistas e das tentativas do imperialismo de explorar a nossa crítica e autocritica. Enganaram-se os profetas da desgraça: seja aqueles que esperavam tirar alimento da nossa autocritica para sedições e fraturas no campo socialista, seja os outros que auguravam que os comunistas, assustados pelas provas, recusassem para posições atrasadas, sectárias. A Declaração assinada em Moscou diz que os partidos comunistas estão unidos sobre posições novas, audaciosas, justas, que tinham encontrado uma límpida expressão no XX Congresso do PCUS.

A LUTA PELA PAZ, TAREFA PRIMORDIAL

Assim acontece com a questão da paz, que a Declaração considera tarefa primordial dos partidos comunistas e operários. A luta pela paz tem um grande, antigo posto na história do movimento operário. Nova é, porém, a perspectiva que hoje o movimento comunista indica às massas: a possibilidade concreta de impedir as guerras, dadas as novas relações de força, e antes ainda que seja abatido em todo o mundo o domínio capitalista. Não existe uma outra força política mundial, que tenha posto em termos tão nítidos e radicais a conquista da paz, e sobretudo tenha tanto contribuído para abrir esta perspectiva nova, se é verdade que colocar uma questão não é colocá-la em abstrato, mas nos fatos, nas coisas na realidade. Esta posição nova sobre a luta pela paz não ignora a natureza do imperialismo. O movimento comunista é a força que, antes de qualquer outra, deu à classe operária uma análise exata, crua, sem veus, do imperialismo; mas justamente a análise científica, a compreensão exata da natureza do imperialismo permitiu ao movimento comunista reconhecer e avaliar as contradições que o imperialismo desencadeia, as forças antagônicas que ele suscita, e, por conseguinte, ter uma posição justa com relação a estas forças, ajudar a sua luta para libertar-se da opressão imperialista, assegurando novos aliados para a classe operária na sua batalha pela paz e pelo progresso. A política da coexistência pacífica, pela qual o movimento comunista chama as massas a lutar, não está, pois, em contraste com a análise marxista-leninista do imperialismo, mas brota dela, representa a sua aplicação coerente à nova situação e às novas relações de força. Ela não pode significar e não significa de modo algum uma trégua na luta de classes no interior de cada país e uma renúncia à competição entre os dois sistemas aberta em escala mundial, como se a história pudesse deter-se em um absurdo STATU QUO. Pelo contrário, a fim de que a política de coexistência pacífica possa se afirmar e a guerra ser banida, é indispensável que a luta contra a exploração capitalista e contra o imperialismo, matriz das guerras, longe de se atenuar, se intensifique, concentrando sobre todas as contradições que o imperialismo desencadeia, de modo que sejam isolados os grandes grupos capitalistas que trabalham para a guerra, que seja golpeado o seu poder e se librem sempre novas forças interessadas na paz e capazes de trabalhar ativamente pela paz e pelo progresso: a classe operária dos países capitalistas tem um grande papel, uma tarefa particular para resolver nesta direção. O movimento comunista afirma que existe hoje as condições para que esta competição entre os dois sistemas possa se desenvolver sobre o terreno da paz e seja vencida pelo socialismo sobre o terreno da paz.

A POSSIBILIDADE DO CAMINHO PACIFICO PARA O SOCIALISMO

Mais ainda: o movimento comunista reafirma — na Declaração assinada em Moscou — que, dadas as novas relações de força, hoje mais do que ontem se abre para a classe operária também a possibilidade (não a certeza) de uma passagem pacífica para o socialismo, isto é, através de um desenvolvimento da luta de classes e da ação organizada das massas, que não cheguem até a insurreição armada. Um tal desenvolvimento dependerá não somente da luta da classe operária, mas também da resistência que venha a opor a burguesia. Por isto os caminhos de acesso ao poder e os modos de organização do poder socialista poderão ser diversos, conforme as condições históricas de cada país, do grau de organização das forças conservadoras e dos métodos de luta a que recorrerão, da capacidade da classe operária e da sua vanguarda de assegurar o apoio da maioria do povo e de quebrar a resistência da reação. Justamente a Declaração recorda que as velhas classes dominantes não cedem nunca espontaneamente o poder: a fim de mantê-lo, não hesitam em recorrer à violência mais selvagem, ao fascismo, à intervenção do estrangeiro. O movimento comunista afirma que existe hoje, em determinados países, a possibilidade de barrar uma estrada semelhante; e para barrar esta estrada chama a classe operária, os camponeses, as camadas médias urbanas a combater unidos contra o grande capital monopolista, pela realização de profundas reformas sociais, pela paz e o socialismo, através de uma luta vasta, incessante — parlamentar e extraparlamentar —, que transforme o Parlamento em instrumento a serviço do povo, quebre a resistência das forças reacionárias, crie as condições necessárias para a realização pacífica da revolução socialista.

Grosseira e inhábil mentira é, pois, aquela segundo a qual a Declaração assinada em Moscou importaria como modelo único para todos os países o modelo soviético. A Declaração assinada em Moscou afirma, pelo contrário que a transição mecânica para cada país em particular de um único modelo

(CONCLUI NA 1ª PÁGINA)

A Nova Política dos Comunistas e as Eleições

A PARTICIPAÇÃO dos comunistas no pleito eleitoral deste ano impõe um reexame de nossa posição anterior em face das eleições. E este reexame não pode ser dissociado da crítica aos erros de nossa política, porque a atitude que adotamos diante do processo eleitoral envolve problemas de mais largo alcance: que compreensão temos da situação do país e do mundo, que solução se apresenta para a questão do poder político, que caminho trilhar para atingir os objetivos.

Mário ALVES

Nossa posição anterior em face das eleições decorria de uma apreciação deformada da realidade, na qual predominavam os elementos de subjetivismo. Surpreendidos pela ofensiva temporária da reação, em 1947, que acarretou a ilegalidade do PCB, a cassação dos mandatos e outras medidas antidemocráticas, perdemos de vista a tendência dominante em escala mundial e em nosso país, tendência favorável à libertação dos povos do domínio imperialista, ao avanço das forças democráticas, à causa da paz. Presos a uma concepção dogmática sobre a realidade econômica e social do Brasil, não tomávamos conhecimento do desenvolvimento capitalista em curso; nem podíamos atentar, conseqüentemente, para os seus efeitos no terreno político: a influência da burguesia no aparelho do Estado, o papel crescente do proletariado e das massas na vida política e, conseqüentemente, o agravamento da contradição entre a maioria da nação e o imperialismo lanque e seus agentes, a tendência à manutenção e ao fortalecimento das garantias constitucionais. Nossa apreciação da situação política era marcada pelo unilateralismo, já que buscávamos tomar da realidade apenas os elementos que pudessem confirmar nossas concepções subjetivas de uma revolução a curto prazo. Caracterizávamos a Constituição como um "código de opressão contra o povo" quando seus dispositivos expressavam conquistas democráticas obtidas em 1945 e serviam de fundamento à garantia de liberdades fundamentais, à manutenção do regime representativo, não obstante todos os aspectos retrogradados — alguns realmente gritantes — de que ela se ressentia. Considerávamos as eleições "uma farsa", quando as massas trabalhadoras e populares acorriam às urnas em 1950 para derrotar Dutra, elegiam em 1954 numerosos representantes nacionalistas e democratas e em 1955 infligiam novo revés aos portavozes declarados do entreguismo e do golpismo. Alheando-nos ao processo político real em curso no país, através do qual avançavam e se fortaleciam as forças democráticas e populares, propunhamos como objetivo imediato a conquista de transfor-

mações radicais na estrutura econômico-social, a derrubada do governo e do regime. O menosprezo pelas formas legais e constitucionais de luta, decorrente dessa concepção aventureira, encontrava sua expressão no apelo permanente às "formas de luta mais altas e vigorosas". Cegos pelo subjetivismo, não compreendíamos a verdade já proclamada por Lênin de que as formas de luta não são impostas às massas pelos teóricos de gabinete, mas decorrem das condições históricas de cada momento e de cada país.

Esta concepção nos levava naturalmente a não considerar as eleições como um dos meios fundamentais de atuação política, através do qual os comunistas podem e devem influir no curso dos acontecimentos, provocar modificações importantes na correlação de forças e na própria política do país, participar como força política da solução do problema do poder. Desde que partíamos da idéia generalizada de que "as eleições não resolvem", nelas víamos tão somente uma oportunidade favorável para intensificar a agitação com base numa fraseologia "esquerdista", objetivando — como afirmávamos então — ganhar as massas para a solução revolucionária, isto é, para a derrubada imediata do governo. Não vendo nas eleições um caminho legítimo e viável para alcançar nossos objetivos políticos, a tática eleitoral era traçada geralmente no sentido de obter certas vantagens imediatas, sem que estivesse subordinada a posições políticas de princípio. Ao concluir acordos eleitorais, caímos muitas vezes no mais condenável pragmatismo oportunista orientando as alianças políticas não em função do fortalecimento da frente única das forças nacionalistas e democráticas, mas para a consecução de objetivos imediatistas. A este erro está ligada a falsa caracterização dos outros partidos e forças políticas, entre as quais não estabelecíamos qualquer distinção significativa. Nossa miopia sectária impedia-nos de ver a diferenciação entre os partidos e no seio de cada partido, a polarização que divide as forças entreguistas e as forças nacionalistas. Em razão disso, a tática eleitoral não era orientada firmemente no sentido da aliança com as correntes ant imperialistas e do isolamento dos agentes do imperialismo.

A compreensão dos erros de nossa política anterior e uma avaliação adequada da situação política atual devem nos conduzir a encarar de maneira radicalmente diferente as eleições de 1958.

Na época em que vivemos e nas condições concretas de nosso país, a realidade indica que há forças capazes de influir decisivamente para que sejam realizadas modificações na política externa e interna. No plano mundial, presenciamos o predomínio cada dia mais nítido do campo do socialismo sobre o mundo capitalista em decomposição, a libertação de numerosos países do sistema de opressão colonialista, o crescimento irrefreável das forças que se batem pela coexistência pacífica, pela solução incruenta das divergências entre as nações. Esta conjuntura internacional influi na vida interna do Brasil, fortalecendo as correntes nacionalistas e democráticas e colocando na ordem-do-dia, como uma exigência inadiável do próprio desenvolvimento nacional, a realização de uma política externa independente, baseada no estabelecimento de relações mutuamente proveitosas com todos os países. Na evolução dos acontecimentos políticos em nosso país desempenham um papel cada vez mais decisivo o movimento pela emancipação econômica nacional, que opõe a maioria esmagadora da nação ao imperialismo americano e seus agentes internos, o movimento sindical dos trabalhadores e as lutas de outras camadas da população pelas reivindicações democráticas.

Resta saber se estas forças dispõem de condições para, através do processo eleitoral, influir de maneira decisiva no curso dos acontecimentos, impor alterações substanciais na correlação de forças e alcançar, por esta via, as modificações necessárias na política do país. Não se pode desconhecer as limitações antidemocráticas do atual regime, as restrições que ele impõe à atuação política de grandes camadas da população. Basta mencionar a absurda cassação do registro eleitoral do Partido Comunista, a iníqua discriminação contida no artigo 58 da lei eleitoral e a privação do direito de voto aos analfabetos. Seria uma flagrante deformação da realidade considerar, porém, que vivemos num "regime de reação e terror" — como afirmávamos anteriormente — o que nos levava a menosprezar os meios legais de luta política, em particular as eleições.

A despeito da base econômica ainda atrasada em que se apoia a sociedade brasileira, no Estado e no governo atual se refletem o processo de desenvolvimento econômico que se verifica no país, a participação crescente da burguesia no aparelho do Estado, a ascensão política do proletariado e das massas urbanas, o declínio constante da classe dos fazendeiros e do "coronelismo"

rural. Aos cidadãos brasileiros são assegurados, não como dádiva das classes dirigentes, mas como resultado do desenvolvimento do país e das lutas democráticas, certos direitos e liberdades fundamentais que ao povo cumpre usufruir e defender. Sujeitos embora a restrições e violações, vigoram o direito de voto, a liberdade de imprensa, a liberdade de associação e reunião.

O caminho que se abre ao povo brasileiro é, portanto, o do emprego de meios legais e democráticos para fazer valer a sua vontade e modificar a política do país de acordo com os seus interesses. Nas atuais condições, a ampla utilização das franquias constitucionais é que permite agrupar em vasta e poderosa frente única as numerosas, porém dispersas, forças nacionalistas e democráticas. As eleições adquirem, assim, uma significação particular. Não constituem apenas um motivo para a propaganda das nossas palavras de ordem, nem devem ser vistas principalmente do ponto-de-vista da obtenção de certas vantagens imediatas. Como a experiência tem demonstrado, o povo pode através das eleições alcançar seus objetivos políticos, influir na mudança da composição do parlamento e do governo. As eleições são, por conseguinte, um dos meios fundamentais de ação política que devemos utilizar para impulsionar a formação da frente única, tendo em mira a constituição de um governo nacionalista e democrático.

Ao marcharem para alianças e acordos eleitorais, os comunistas têm como objetivo principal unificar as forças nacionalistas e democráticas contra os setores representativos do entreguismo. Nas eleições de 1958, nosso esforço há de concentrar-se para a eleição de grandes bancadas nacionalistas e democráticas ao parlamento, às assembleias legislativas e câmaras municipais, assim como para a eleição de governadores comprometidos com o nacionalismo. Desta posição de princípio não podem desviar-nos quaisquer considerações de ordem imediatista. Os comunistas repelem a odiosa discriminação que sobre eles pesa e defendem o direito de eleger seus próprios representantes, mas não se fecham em posições exclusivistas e estão dispostos a contribuir para a eleição de patriotas e democratas pertencentes a outros partidos.

Se extirpamos de nossas fileiras os resquícios da concepção abstencionista, se nos empenharmos desde já no alistamento eleitoral e na articulação de candidaturas, se nos lançarmos com entusiasmo à tarefa de eleger os candidatos das forças nacionalistas e democráticas, influiremos decisivamente para que as eleições de 1958 sejam uma vitória do povo brasileiro na sua luta pela emancipação nacional e pela democracia.

LUTAR POR UM GOVÉRNO NACIONALISTA DEMOCRÁTICO, TAREFA POLÍTICA DE PRIMEIRA ORDEM

J. Armando de CASTRO

DIANTE da situação que atravessamos o povo, o país e a nação, o camarada Prestes aponta como saída no momento um governo nacionalista democrático. Um governo que expresse as forças e anseios do povo para encaminhar a política externa e interna no sentido de maior e mais rápido desenvolvimento da economia e do progresso do país.

Prestes mostra em seu artigo de outubro último que tal saída, tal governo correspondem realmente ao desenvolvimento histórico, à situação atual e ao futuro mais próximo do Brasil. A situação de hoje expressa-se na necessidade de dar continuidade natural e adequada ao desenvolvimento das forças econômicas e sociais vivas do país e das lutas do povo. O que caracteriza predominantemente a nossa situação nos últimos anos é o ascenso da luta pela completa independência política e autonomia econômica.

A expressão material deste ascenso é o crescimento industrial em bases de uma economia independente, e com especial apoio na ajuda fornecida pelo Estado. A expressão social e política deste ascenso é o aprofundamento da contradição entre o imperialismo norte-americano e seus testas-de-ferro nacionais e o povo brasileiro, é o crescimento da consciência nacionalista e democrática.

São fatos que comprovam estes argumentos o sentido contínuo do desenvolvimento de certos ramos do capitalismo nacional da democratização, da vida política do país.

Em 1956, os bens de produção já totalizaram 33% contra 20% em 1939 e os de consumo 30% contra 67% no balanço da produção geral do país. Contra os 13 bilhões e 318 milhões investidos nas 267 empresas norte-americanas no Brasil em 1954 (com exclusão da Light & Power), o investimento do Estado brasileiro em apenas 8 empresas mistas básicas perfaz em 1955, 20 bilhões e 144 milhões. Em 1956 os investimentos

globais nestas empresas atingiram mais de 38 bilhões. Em toda a produção siderúrgica do país, o Estado figura com 60% e na do petróleo com 57%. Esta tendência do desenvolvimento econômico é predominante. Indica o fortalecimento da burguesia nacional, especialmente através de sua influência no governo, na sua política econômica e financeira, e o crescimento do proletariado, que somente no Estado de São Paulo já está próximo a um milhão.

As sucessivas derrotas do imperialismo norte-americano nos últimos anos na tentativa de impor um governo ditatorial que interrompa o desenvolvimento progressista do país são significativas. Mesmo depondo Getúlio em 1945, não conseguiram impor uma ditadura inteiramente sua. Tanto que se realizaram as eleições em 1950 e foi justamente o Getúlio o eleito. O mesmo ocorreu com a eleição de Juscelino Kubistchek, apesar das desesperadas tentativas dos agentes do imperialismo norte-americano para impedir-lo. Agora, o país caminha, embora muito lentamente, para restabelecer relações com todos os países do mundo socialista. Estes e outros fatos expressam o crescimento das forças nacionalistas e democráticas de modo persistente, fora e dentro do governo.

Os monopólios norte-americanos pressionam em sentido contrário. Conseguem ainda através da política cambial do governo, expresso na portaria 113 da SUMOC, drenar fabulosos lucros para o exterior e aumentar suas empresas no país. Assim em 1955, investiram 180 milhões em serviços públicos, especialmente em energia elétrica, onde mantêm ainda maioria de monopólio, e um bilhão e 135 milhões em máquinas e aparelhos. Esforçam-se para impingir novos e lesivos acordos sobre minérios atômicos. Querem atrelar-nos ao carrão guerreiro da OTAN. Tendem a conservar e estender sua influência no aparelho do Estado nacional e a impedir o crescimento da influência das forças nacionalistas e democráticas no governo.

Mas a decomposição do sistema colonial e o avanço irresistível da conquista da independência nacional pelos povos dependentes se expande ao hemisfério americano. No país o crescimento da consciência nacionalista e democrática amplia-se nos governos federal, estaduais e municipais, nos legislativos, nas forças armadas, nos principais partidos políticos, nas mais importantes organizações das diversas classes e camadas. São crescentes estas forças e a situação é propícia para conquistar a mudança da política e da composição dos governos, no sentido nacionalista e democrático. Esta situação torna cada vez mais difícil o avanço do processo da colonização de nossa pátria.

O desenvolvimento do país processa-se na base da crescente contradição entre o povo e o imperialismo norte-americano e seus agentes nacionais, que criam impedimentos e tentam barrar este desenvolvimento. Mas, a situação e as massas do povo exigem uma política que afaste os entraves ou a ameaça de interrupção do avanço progressista do país. Anseiam que se retirem do atraso algumas regiões como o nordeste, que pode chegar a servir de ameaça à unidade e à independência da nação. Requerem que o desenvolvimento do Brasil não se processe às custas de maior exploração das massas trabalhadoras, nem em lutas fratricidas violentas entre brasileiros.

Para o bom e justo encaminhamento destes problemas que tanto preocupam as principais classes e camadas do povo, indica Prestes a formação de um governo de coalizão democrática e nacionalista. As forças básicas do movimento nacionalista democrático na atualidade são na prática a continuação histórica das forças mais progressistas que impulsio-

(CONCLUI NA 9ª PÁGINA)

RECEPÇÃO CARINHOSA DE SÃO PAULO A ANITA PRESTES

MILHARES DE PESSOAS REUNEM-SE NO PACAEMBU, EM HOMENAGEM À FILHA DE LUIZ CARLOS PRESTES — NOVAS MANIFESTAÇÕES SURGEM DE TODAS AS PARTES EM FAVOR DA LIBERDADE DO GRANDE LÍDER POLÍTICO

Expressiva homenagem foi prestada na capital de São Paulo a Anita Leocádia, filha de Luiz Carlos Prestes e que há pouco retornou à sua pátria, depois de quase sete anos de ausência involuntária.

Durante mais de uma semana, houve preparativos intensos, sob o comando de uma comissão organizadora que reuniu algumas das mais representativas figuras femininas de São Paulo, em todos os setores de atividade: escritoras, jornalistas, artistas, parlamentares e outras personalidades.

Constituíam a comissão organizadora as srs. Maria Dezonne Pacheco Fernandes, Deise Frota Moreira, Helena Gordo, Aldenoura Sá Porto e a vereadora Matilde de Carvalho.

A essa homenagem da mulher paulista a Anita Leocádia Prestes aderiu também o Pacto de Unidade Inter-Sindical, que programou uma recepção na sede do Sindicato dos Metalúrgicos. Ali, Anita teria oportunidade de entrar em contato com os dirigentes operários de São Paulo.

ENTREVISTA COLETIVA À IMPRENSA

Assim como fez no Rio, logo após a sua chegada da União Soviética, Anita concedeu aos jornalistas paulistas uma entrevista coletiva, na sede da Associação Paulista de Imprensa. Também ali predominou entre todos a mesma impressão que já causara no Rio: de inteligência, equilíbrio e vivacidade ante o verdadeiro bombardeio de perguntas que lhe foram formuladas, versando os mais diversos assuntos.

Reafirmou Anita ser o seu maior desejo avistar-se com seu pai, de quem se encontra afastada há longos anos. Continua aguardando a sentença do juiz Monjardim, de quem depende a anulação do pedido de prisão preventiva decretada contra Prestes. Falou da ajuda que lhe deu o governo soviético para a sua educação secundária.

VISITA À CÂMARA MUNICIPAL

Carinhosamente recebida na Câmara Municipal, pelo presidente e inúmeros vereadores, ali compareceu Anita para agradecer a decisão unânime aprovada naquele órgão legislativo, em dias do mês passado, em favor da liberdade de seu pai.

O sr. André Nunes Junior, presidente da Câmara e um dos dois advogados indicados

por esta para patrocinar a causa de Prestes junto à Justiça, convidou Anita e sua tia Lígia Prestes a tomarem assento à Mesa. Em sua homenagem, a Câmara suspendeu os trabalhos, e a fim de que os vereadores pudessem conversar com as visitantes.

Esteve ainda Anita Leocádia na sede da Prefeitura Municipal, em visita ao prefeito em exercício, Sr. Candido Sampaio. Também foi recebida com afabilidade, tendo afirmado o chefe do executivo paulista sua simpatia à causa em que se empenha Anita — a libertação de seu pai, condenado a viver na mais dura clandestinidade, desde 1947.

MAGNIFICA FESTA NO PACAEMBU

O coroamento das festas e visitas de Anita Leocádia na capital paulista foi sem dúvida o grande baile realizado no Ginásio do Pacaembu, na noite de 1º de fevereiro, com a presença de milhares de pessoas.

A essa festa aderiram alguns dos principais valores do rádio e televisão, que lhe emprestaram espontaneamente seu concurso, além de destacadas personalidades. Sílvio Caldas, o popular cantor brasileiro, a artista de cinema Aurora Duarte, Wilson Roberto e sua orquestra, o conjunto espanhol Niños de Bre-

ve, foram alguns dos artistas que compareceram ao Pacaembu.

Destacaram-se entre os presentes os deputados Erola Moreira e Rogê Ferraz, vereadores, representante do prefeito, os escritores Jamil Almansur Haddad, Helena Silveira, Maria Dezonne Pacheco Fernandes, professores Mário Schemberg e Samuel Pessoa, Salvador Lossaco, presidente do Pacto de Unidade, inúmeras

visitas de Anita Leocádia na capital paulista foi sem dúvida o grande baile realizado no Ginásio do Pacaembu, na noite de 1º de fevereiro, com a presença de milhares de pessoas.

A essa festa aderiram alguns dos principais valores do rádio e televisão, que lhe emprestaram espontaneamente seu concurso, além de destacadas personalidades. Sílvio Caldas, o popular cantor brasileiro, a artista de cinema Aurora Duarte, Wilson Roberto e sua orquestra, o conjunto espanhol Niños de Breve, foram alguns dos artistas que compareceram ao Pacaembu.

Destacaram-se entre os presentes os deputados Erola Moreira e Rogê Ferraz, vereadores, representante do prefeito, os escritores Jamil Almansur Haddad, Helena Silveira, Maria Dezonne Pacheco Fernandes, professores Mário Schemberg e Samuel Pessoa, Salvador Lossaco, presidente do Pacto de Unidade, inúmeras visitas de Anita Leocádia na capital paulista foi sem dúvida o grande baile realizado no Ginásio do Pacaembu, na noite de 1º de fevereiro, com a presença de milhares de pessoas.

A essa festa aderiram alguns dos principais valores do rádio e televisão, que lhe emprestaram espontaneamente seu concurso, além de destacadas personalidades. Sílvio Caldas, o popular cantor brasileiro, a artista de cinema Aurora Duarte, Wilson Roberto e sua orquestra, o conjunto espanhol Niños de Breve, foram alguns dos artistas que compareceram ao Pacaembu.



Anita Leocádia Prestes, quando era saudada pelo jornalista Joaquim Câmara Ferreira, diretor de "Notícias de Hoje". Também na foto, e presidente do Sindicato dos Ferrovirios da Santos-Jundiaí, sr. João Nascimento Baraiva

— foram alguns dos artistas que compareceram ao Pacaembu.

Destacaram-se entre os presentes os deputados Erola Moreira e Rogê Ferraz, vereadores, representante do prefeito, os escritores Jamil Almansur Haddad, Helena Silveira, Maria Dezonne Pacheco Fernandes, professores Mário Schemberg e Samuel Pessoa, Salvador Lossaco, presidente do Pacto de Unidade, inúmeras



Anita Prestes

ros dirigentes sindicais e muitos outros.

A um animado show seguiu-se um baile que se prolongou até a madrugada, permitindo ao povo paulista demonstrar a Anita Leocádia todo o seu carinho e simpatia.

CONTATO COM OS ESTUDANTES

Foi particularmente comvente o encontro de Anita com os jovens estudantes de São Paulo, que se transformaram em seus cicrones e ao seu lado perfizeram todo o programa traçado pela comissão organizadora. Recebida na sede da União Estadual de Estudantes, órgão dos universitários de São Paulo, teve Anita a oportunidade de manter animadas palestras sobre os estudos que realizou na União Soviética, onde concluiu o curso secundário com medalha de ouro. Pode narrar, de viva voz, aos estudan-

tes brasileiros das mais variadas correntes políticas e ideológicas, amantes da democracia, que confiam em que Prestes terá finalmente assegurado o direito de defender os seus pontos de vista livremente, sob a proteção das franquias constitucionais que são extensivas, sem discriminações de qualquer ordem, a todos os cidadãos brasileiros.

São brasileiros das mais variadas correntes políticas e ideológicas, amantes da democracia, que confiam em que Prestes terá finalmente assegurado o direito de defender os seus pontos de vista livremente, sob a proteção das franquias constitucionais que são extensivas, sem discriminações de qualquer ordem, a todos os cidadãos brasileiros.

A Diferença de Regimes Sociais Não é Obstáculo Cresce o Intercâmbio Comercial Brasileiro - Polonês

NOVENTA MILHÕES DE DÓLARES NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS — QUARTO COMPRADOR DE CACAU BRASILEIRO — CAFÉ, MINÉRIO DE FERRO E OUTROS PRODUTOS — EQUIPAMENTO FERROVIÁRIO, NAVIOS E MÁQUINAS AGRÍCOLAS POLONESAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA BRASILEIRA

O comércio exterior polonês se desenvolve de ano para ano, como resultado do florescimento contínuo de sua economia. Atualmente, a Polónia mantém relações comerciais com mais de 80 países de todos os continentes, e participa com o comércio mundial. No período de 1950-1955, as exportações polonesas para países de outros continentes, cresceram mais de 4 vezes; 2 vezes para a Ásia, 5 vezes para a África, 7 vezes para a América do Sul. Entretanto, o grosso do comércio polonês é feito com os países do campo socialista, representando cerca de 70%. Em 1956, os países capitalistas contribuíram com 30% das importações e 32% das exportações polonesas.

Na América do Sul, o Brasil representa no momento maior vendedor de mercadorias à Polónia e importador de produtos daquele país.

CRESCEM AS TROCAS COMERCIAIS ENTRE OS DOIS PAÍSES

O intercâmbio comercial entre a Polónia e o Brasil se desenvolvendo em ritmo ascendente e animador, o que não é de se admirar. As economias dos dois países são complementares — a Polónia necessita de grandes quantidades de minério de ferro, algodão, lã, couros, café, cacau e muitos outros produtos brasileiros, podendo fornecer em troca, graças a um avançado parque industrial, máquinas operatrizes, equipamentos e maquinaria ferroviários, máquinas têxteis e agrícolas, navios, frigoríficos, etc.

O quadro abaixo nos dá uma idéia do crescimento das trocas comerciais entre os dois países:

Ano	Valor em dólares
1952	4 milhões
1953	10 milhões
1954	22 milhões
1955	24 milhões
1956 (*)	27 milhões

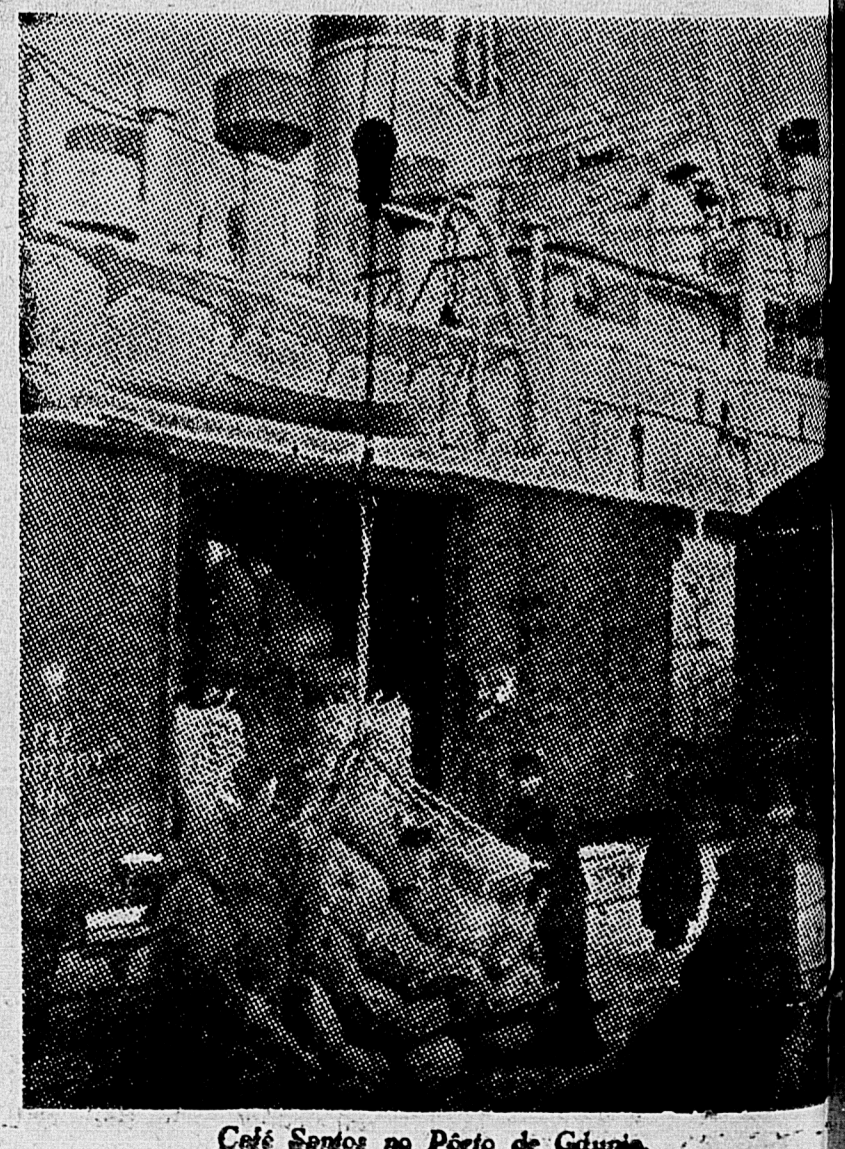
(*) — Primeiros 10 meses.

Os números acima revelam o rápido crescimento das trocas comerciais polono-brasileiras, e indicam as enormes possibilidades que existem para grandes negócios entre as duas nações. Nesses últimos cinco anos, como vemos, as nossas trocas aumentaram em quase 8 vezes. E os números revelam que o valor das mesmas está muito acima dos valores correspondentes ao comércio entre o Brasil e dezenas de outros países de diversos continentes.

GRANDE COMPRADOR DE CACAU

Nesse último ano, a Polónia incluiu novas mercadorias brasileiras no rol de suas importações: linhaça, soja, mamão, óleo de mamona. No entanto, suas maiores compras são cacau, café e minério de ferro. Como comprador de cacau, a Polónia se coloca atualmente no quarto lugar entre os compradores estrangeiros daquele importante produto de exportação do Brasil, acima portanto da França, Itália e Inglaterra.

Nesses últimos anos, foram as seguintes as importações polonesas daquele produto:



Café sendo no Porto de Gdansk.

Ano	Toneladas
1954	1.000
1955	3.200
1956	4.700
1957 (*)	5.500

(*) — Primeiros 10 meses.

AUMENTAM AS COMPRAS DE CAFÉ

As importações polonesas de café brasileiro vêm crescendo, embora ainda representem parcela muito pequena de nossas importações daquele produto. Em que pese o volume crescente daquelas importações, o café ainda constitui, na Polónia, artigo de luxo pouco difundido no seio do povo. Entretanto, a boa aceitação da rubiácea pelos poloneses, indica a possibilidade de maiores importações, o que realmente está se verificando de ano para ano. Nesses três últimos anos, as compras de café brasileiro pela Polónia quase triplicaram, como vemos a seguir:

Ano	Toneladas
1955	924
1956	1.248
1957 (*)	2.000

(*) — Primeiros 10 meses.

São grandes as necessidades da indústria polonesa em matéria de minério de ferro. Os recursos poloneses daquele mineral são insuficientes para atender ao crescente consumo de sua indústria pesada. Basta dizer-se que as importações polonesas de minério de ferro aumentaram de 30 mil toneladas em 1933 para 5 milhões em 1956.

O Brasil tem sido um bom fornecedor de minério de ferro à Polónia, e o poderá ser ainda mais pois são inesgotáveis as suas reservas daquele mineral. Ainda recentemente, por contrato assinado com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, a Polónia se comprometeu a comprar mais 200 mil toneladas daquele mineral, além das quantidades já fixadas. Se maiores não têm sido as importações polonesas de nosso minério de ferro, deve-se em grande parte à política de contenção posta em prática pelo governo brasileiro.

Enquanto as exportações brasileiras para a Polónia se constituem, em sua quase totalidade, de produtos agrícolas, as exportações daquele país para o Brasil são representadas por máquinas e equipamentos industriais, como tornos, brocas, fresadoras, afiladoras, máquinas têxteis, instalações para moinhos e fabricação de papel, tratores, motores Diesel, máquinas agrícolas, etc. A importação brasileira de máquinas da Polónia já representa importante parcela das exportações daquele país socialista — nos primeiros meses de 1956, o Brasil adquiriu 2,1% das exportações polonesas de máquinas, contra 0,5% em igual período de 1955. Cerca de 20% das exportações polonesas para o Brasil são constituídas por máquinas de diversos tipos e equipamentos para transporte, o que representa importante contribuição ao nosso desenvolvimento industrial e à mecanização da agricultura.

Em 1957, a Polónia foi o único fornecedor estrangeiro de trilhos e acessórios para as ferrovias brasileiras, como parte da compra feita pelo Brasil de 72 mil toneladas daquele produto. Os trilhos poloneses são de excelente qualidade, sendo fabricados

Reportagem de Fragmon Carlos BORGES

armadores brasileiros, pois estes assinaram com a firma polonesa CENTROMOR, um contrato para a importação, em 1957-58, de 4 navios de cabotagem de 5 mil toneladas cada um, dois cargueiros de 3.200 toneladas cada, para transporte de minério de carvão, e dois barcos de pesca de 110 toneladas cada, no valor total de 10 milhões de dólares. Todos eles estão sendo construídos nos estaleiros de Gdansk e Szczecin, de onde saem navios para diversas partes do mundo.

Em setembro do ano passado foram lançados ao mar e entregues à firma brasileira, L. Figueiredo S.A., dois navios de 5 mil toneladas cada. Ambos foram construídos em um ano apenas após a assinatura do contrato, prazo que não pode ser oferecido por nenhum estaleiro do mundo.

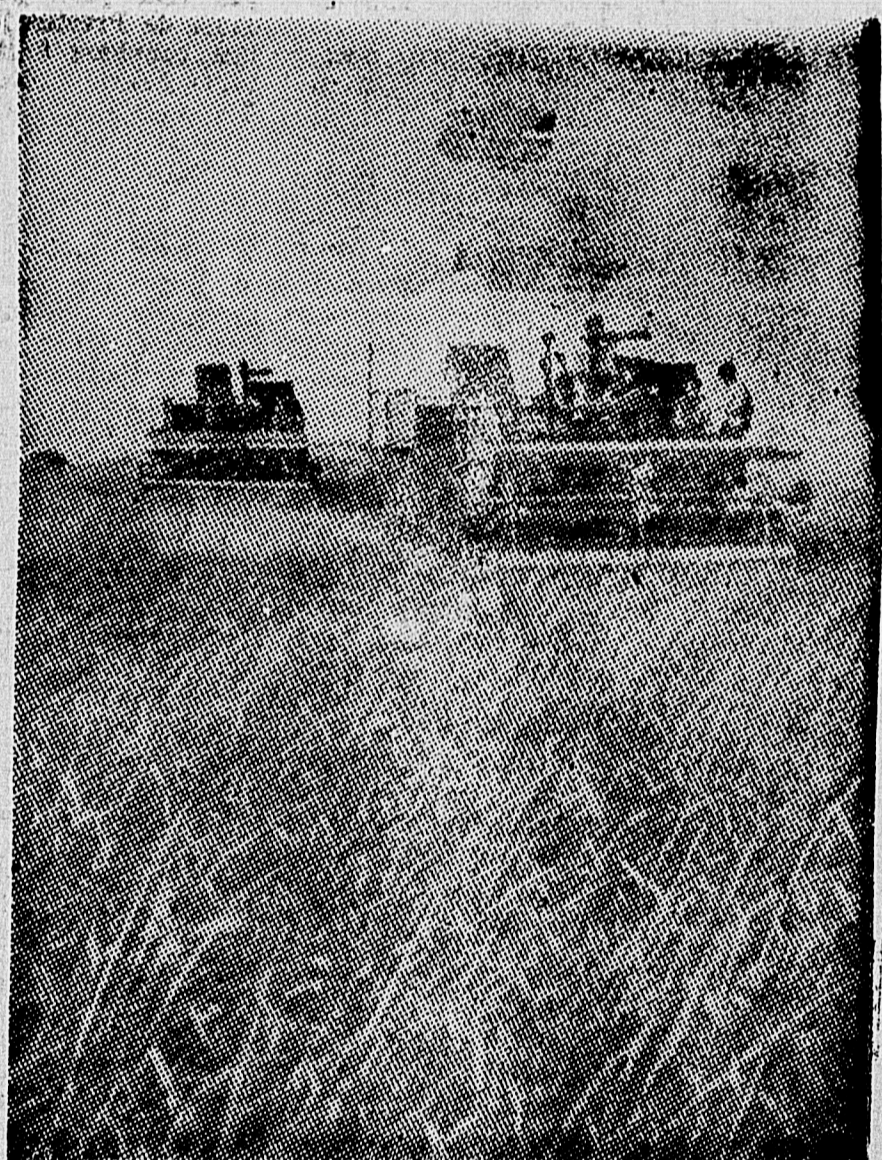
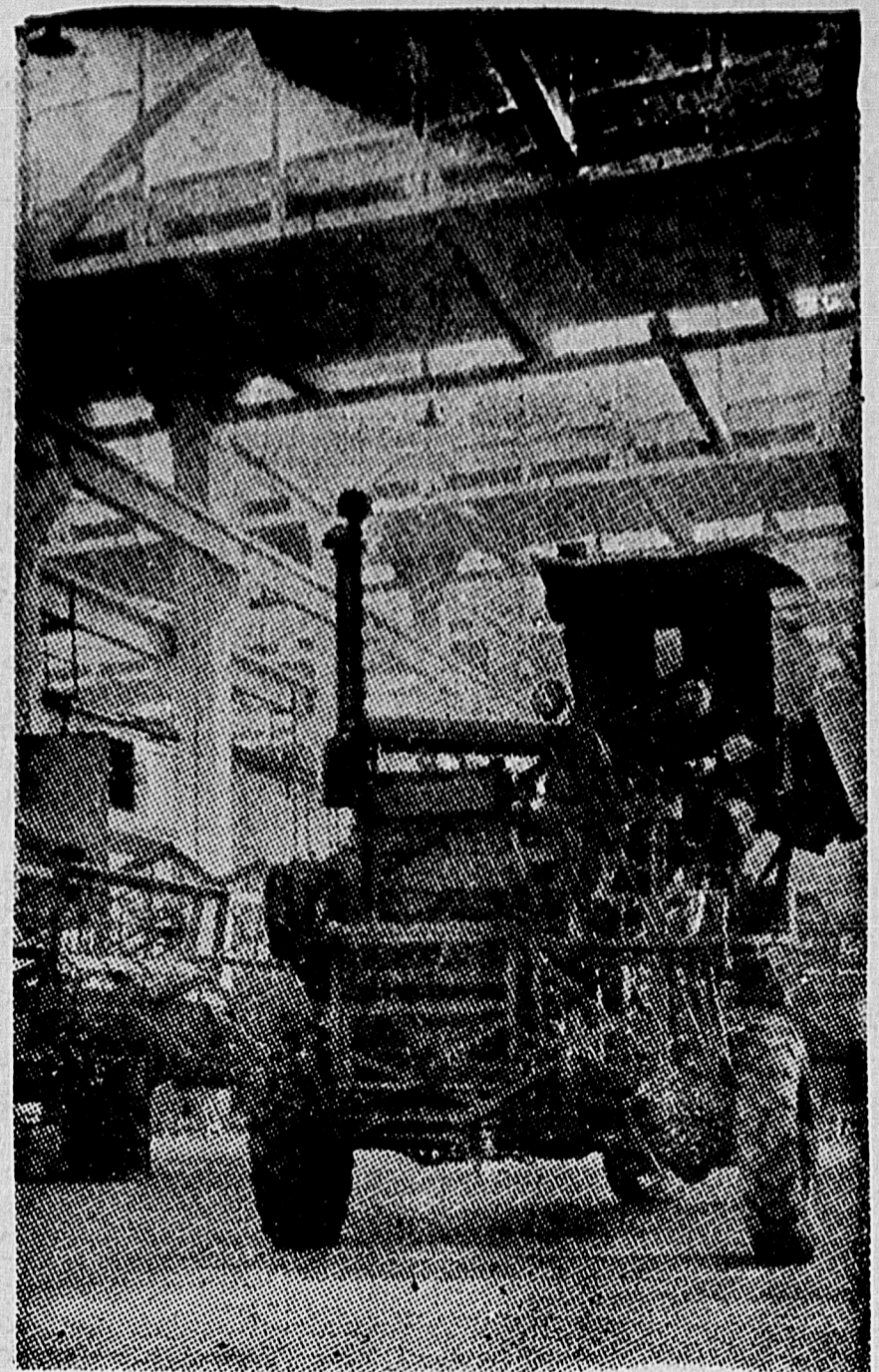
A Polónia é grande produtora de máquinas e implementos agrícolas. No ano passado, pela primeira vez, foram



Um estaleiro polonês em atividade

fornecidas ao Rio Grande do Sul, diversas máquinas combinadas para trigo, cujo uso na última colheita provou a sua eficiência, com os excelentes resultados obtidos. Nesse terreno, muito poderia contribuir a indústria polonesa para a mecanização de nossa agricultura, com o fornecimento de tratores modernos e os mais diversos tipos de máquinas e implementos agrícolas de que tanto necessitamos.

A Polónia fornece, também, ao Brasil, outros produtos como cimento (mais de 500 mil toneladas neste pós-guerra destinadas ao Rio, Santos, Porto Alegre, Rio Grande e Manaus), zinco (em 1957, a Polónia cobriu 25% das necessidades do Brasil desse produto), malte, soda



"Combinada" em ação... (da produção polonês)



O TEATRO DE SHAKESPEARE NA UNIÃO SOVIÉTICA

Shakespeare, o genial dramaturgo inglês admirado por todos os povos, é um dos autores mais representados nos teatros soviéticos. Recentemente, o Teatro Acadêmico Gorki encenou em Moscou a peça de Shakespeare "Um cordeiro de Inverno". Desta encenação, o foto de TASS nos dá um fragmento

CONFERÊNCIA DEDICADA A OBRA CRIADORA DE GRAMSCI

REALIZADA EM ROMA, COM A PRESENÇA DE DELEGAÇÕES DE NUMEROSOS PAISES — SÁBIOS SOVIÉTICOS HOMENAGEIAM O GRANDE PENSADOR ITALIANO

Em janeiro passado, no decorrer de três dias, realizou-se em Roma, uma conferência dedicada a algumas questões da obra criadora do grande pensador revolucionário italiano Antonio Gramsci fundador principal do Partido Comunista Italiano. Nos trabalhos da conferência tomaram parte numerosos dirigentes dos partidos comunistas e socialistas, sábios de renome, jornalistas, escritores, bem como delegações de organizações científicas e sociais de uma série de países: França, Polónia, Iugoslávia, Tchecoslováquia, União Soviética. A delegação soviética esteve chefiada pelo camarada Obitchyn, diretor do Instituto de Marxismo-Leninismo.

Os participantes da conferência ouviram um informe do professor soviético Garyn sobre a obra «Gramsci e a cultura italiana».

O camarada Palmiro Togliatti, secretário-geral do



PCI, apresentou um informe sobre o tema «Gramsci e o leninismo». A doutrina leninista

ta e a revolução russa, disse Togliatti, modificaram a maneira de pensar dos homens. Lênin devolveu ao marxismo o seu caráter criador, libertando-o de todo dogmatismo e de toda interpretação mecânica. A concepção de Gramsci sobre o partido da classe operária era profundamente leninista e ao mesmo tempo, estreitamente ligada às condições da Itália. Gramsci compreendeu claramente que, em diferentes condições nacionais, o desenvolvimento do movimento operário deve ter suas particularidades concretas. E nesta questão, o seu mestre foi Lênin.

Gramsci percorreu o caminho do desenvolvimento criador do marxismo. Por isto, afirmou Togliatti, nós os comunistas italianos vemos nos seus trabalhos não um dogma, mas um guia para a ação, que pode nos ajudar nas condições atuais. Estor-

camo-nos para continuar a sua causa.

Os professores Roberto Cesari e Cesare Lupurini apresentaram informes, respectivamente, sobre os temas «Gramsci e os problemas da História italiana» e «A metodologia filosófica do marxismo nos trabalhos de Gramsci». Foram apresentados cerca de 30 informes. O prof. Obitchkin pronunciou breve oração, frisando que os homens soviéticos vêem em Gramsci um eminente representante do marxismo-leninismo, um homem que soube desenvolver esta nova doutrina, aplicando-a às tarefas, que se apresentaram diante da classe operária, diante do povo italiano na nova época histórica.

A conferência, dedicada ao estudo da herança de Gramsci, despertou grande interesse na opinião pública italiana.

Teoria e Prática

As Condições Para Uma Solução Pacífica dos Problemas Brasileiros

LUIZ CARLOS PRESTES

INCAPAZES de ver a realidade e de aplicar com acerto a verdade universal do marxismo-leninismo às condições específicas de nosso país, caímos na prática em posições sectárias e esquerdistas, consequência prática de posições dogmáticas, da tentativa de aplicar a doutrina, tomada como verdade absoluta e eterna, e a experiência de outros países, sem espírito crítico, à realidade brasileira. Partindo da constatação justa de que o Brasil é um país semicolonial e semifeudal, que em sua etapa atual a revolução brasileira é uma revolução democrática popular de caráter anticolonialista e agrário antifeudal, vamos a realização da revolução a curto prazo, opunhamos como única saída às tentativas de colonização total pelo imperialismo a realização imediata da revolução, sem qualquer exame da realidade nacional, da efetiva correlação das forças sociais, do nível político da classe operária e das demais classes e camadas sociais. É certo que só a emancipação econômica do jugo imperialista e a liquidação das sobrevivências feudais abrirão o caminho para o socialismo e, portanto, para a justa solução dos problemas brasileiros. Mas, de outro lado, é perfeitamente possível, mesmo dentro do atual regime, a conquista de um governo capaz de realizar, sob a pressão das massas, uma política externa independente, de paz, e uma política interna democrática e progressista. Além disto, devemos compreender que semelhante política só é hoje possível, enquanto que a solução revolucionária só é por enquanto aceitável para os comunistas. Insistir na solução revolucionária como imediata será, portanto, separar o Partido das massas, inclusive da classe operária, cair no sectarismo, no doutrinarismo da esquerda, na fraseologia ultra-revolucionária, fugir da participação na vida política do país, não lutar praticamente pela justa transformação da realidade presente. Na verdade, a luta por uma política externa independente é, nas atuais condições do mundo e de nosso país, a premissa para que se possa conquistar a completa independência, a autonomia econômica do Brasil.

Paralelamente, apresentávamos como único caminho para a revolução brasileira o da derrubada violenta do governo. Copiávamos, assim, o caminho da revolução russa, sem levar em conta o novo da situação atual e o específico da situação brasileira. Quer dizer, não sabemos elaborar, através de uma análise independente da realidade brasileira, à luz do marxismo-leninismo, o caminho do avanço, de aproximação e de luta pela emancipação econômica do Brasil e pelo socialismo.

Não sabemos aplicar os princípios gerais do marxismo-leninismo, com a necessária e indispensável independência de julgamento, às condições específicas de nosso país. Se bem que o regime político em nosso país constitui no fundamental um regime de latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo, nos governos tem sido cada vez maior a participação da burguesia nacional, que chega a constituir um cada vez mais poderoso setor nacionalista com influência em todos os Poderes — Legislativo, o Executivo e o Judiciário. Impulsionar esse setor para que imponha sua posição no governo contra os interesses do imperialismo norte-americano e seus agentes internos é avançar no processo revolucionário. Lutar pela derrubada do governo atual é, na prática, nos colocarmos contra os interesses da burguesia nacional, nossa provável e possível aliada, no entanto, na atual etapa da revolução brasileira.

Por isto, nas condições específicas do Brasil de hoje, será falso e mesmo errôneo não apresentar como a saída mais conveniente à classe operária e ao povo a saída pacífica, o encaminhamento da solução dos problemas brasileiros através da pressão de massas, através da conquista de um governo que realize uma política externa independente e uma política interna democrática e progressista. Na verdade, copiando, sem qualquer espírito crítico, a solução russa de 1917, confundimos a natureza revolucionária das mudanças radicais com a violência, com a inevitabilidade do emprego da força, quando Engels já ensinara, em sua exposição sintética do novo e o velho em cada momento histórico: "... o pódo do real que agniza — diz Engels — é ocupado por uma realidade nova e vital: pacificamente, se o caduco é bastante razoável para resignar-se a desaparecer sem luta; pela força, se se rebela contra esta necessidade. (Trecho do artigo "Sobre o 40º aniversário da Revolução de Outubro".)

Indonésia Unida Para Libertar o Irian Ocidental

Numa entrevista ao jornal «L'Unità», órgão do Partido Comunista Italiano, o camarada D. N. Aidit, secretário-geral do Partido Comunista da Indonésia, declarou que o povo do seu país está unido na luta pela libertação do Irian (Nova Guiné) Ocidental independentemente das convicções políticas, ideológicas e religiosas.

Segundo afirma o camarada Aidit, o povo indonésio está pronto a enfrentar qualquer possível ação por parte do governo colonialista holandês. Somente alguns líderes do Partido Masjumi e do Partido Socialista se opõem aos esforços do governo para recuperar o Irian Ocidental. Mas mesmo estes líderes não ousam se apresentar abertamente.

Aidit afirmou que a tarefa

mais vital é agora a formação de uma ampla frente nacional de libertação do Irian Ocidental. A ocupação das empresas e das plantações holandesas trouxe novas esperanças para o povo e para os trabalhadores. Os indonésios confiam em que poderão superar as eventuais dificuldades num futuro próximo, apesar das vacilações de certos setores e da sabotagem dos agentes do colonialismo holandês.

Aidit acrescentou que a carência de especialistas técnicos e administrativos era um resultado da dominação holandesa. Doravante, porém, o povo indonésio terá a oportunidade de desenvolver o seu talento.

A CRISE NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Estava reunido, na capital paulista, nos últimos dias de janeiro, o Conselho Nacional dos Estudantes, convocado pela UNE. Por unanimidade, recebeu o Conselho solidarizar-se com os universitários paulista e com a congregação da Faculdade de Filosofia de São Paulo, por motivo de sua justa atitude de defesa da autonomia universitária contra as arbitrariedades do governador Jânio Quadros.

Além de protestar contra as atitudes do governador o Conselho dos Estudantes decidiu enviar mensagem ao presidente da República e ao ministro da Educação, reclamando providências para a fiel observância da Constituição na Universidade de São Paulo. Além disto, foram exigidos poderes à UNE para de-

clarar greve nacional no início do ano letivo, se assim o exigirem as circunstâncias.

Como se vê, perdura a situação crítica criada na Universidade de São Paulo por motivo dos atos despóticos e ilegais do governador Jânio Quadros, ferindo grossamente o princípio da liberdade de expressão. As punições aplicadas a figuras tão eminentes da cultura brasileira, como os professores Mário Schemberg e Cruz Costa, causaram justa revolta nos meios universitários e no seio da intelectualidade em geral.

O reinício do ano letivo, em março, deverá agravar a situação, se medidas justas não vierem reparar as injustiças cometidas. Os acadêmicos de todo o país estão unidos no legítimo propósito de defender a liberdade de expressão e a autonomia universitária, não permitindo que o episódio de São Paulo sirva de precedente. Por outro lado, perdurando o impasse na Faculdade de Filosofia de São Paulo, esta terá grandes dificuldades para funcionar ou ficará mesmo paralisada.

Uma solução compatível com a dignidade universitária e com a cultura brasileira é, pois, indispensável e num prazo breve,

A CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA

G. Plekhanov

Obra excepcional

Leia
DA TEORIA MARXISTA DO CONHECIMENTO
De M. Rosental

SÓBRE A IMPRESSÃO DO NOSSO JORNAL

Uma Crítica Dos Leitores de São Gonçalo

De nossa agência em São Gonçalo recebemos uma Carta que nos transmite uma crítica, por motivo da má impressão do nosso jornal em sua edição n.º 450. Criticam os nossos leitores, em particular, a péssima impressão do editorial do «Jinjinjiao» intitulado «Grandes declarações revolucionárias» e que foi publicado naquela edição.

Consideramos justa a crítica e a agradecemos, uma vez que revela preocupação pelo melhoramento do semanário da classe operária brasileira.

Inefelizmente, o problema da impressão do jornal, está preso a graves deficiências materiais, que superam, algumas vezes, a capacidade e a dedicação dos operários que respondem por este setor. Faremos, porém, todo o esforço possível para, em breve prazo, resolver também este problema e ofenecer aos leitores um jornal melhor impresso.

PELA DISSOLUÇÃO DA DIETA E NOVAS ELEIÇÕES GERAIS

UM APÊLO DO CC DO PARTIDO COMUNISTA DO JAPÃO

O Comitê Central do Partido Comunista do Japão publicou um apêlo, a 24 de janeiro último, chamando as massas para uma campanha nacional com o objetivo de alcançar a dissolução da Dieta.

O documento enceta a todos os trabalhadores e proprietários de pequenas e médias empresas a combaterem suas reivindicações vitais com a luta da classe operária por melhores salários e com as reivindicações de cessação das explosões atômicas

experimentais, de recuperação de Okinawa, de cessação da ocupação americana, de paz, independência e manutenção da democracia.

O apêlo assinala que a exigência do povo japonês por uma imediata dissolução da Dieta e a realização de eleições gerais, surgiu da necessidade de fazer com que a política japonesa mudasse sua orientação, passando do "camuro" com a guerra atômica e a sujeição aos Estados Unidos para uma política de paz, in-

dependência, democracia e progressiva.

Frisando que a depressão econômica ameaça todos os aspectos da economia nacional e o nível de vida do povo, o apêlo denuncia que o capital monopolista japonês estava tentando salvar-se com a intensificação da exploração dos operários, dos camponeses e dos pequenos e médios proprietários de empresas.

O apêlo descreve o projeto de orçamento do gabinete Kishi para o ano fiscal de 1954 como

abertamente servil aos imperialistas norte-americanos e ao capital monopolista japonês. É um orçamento militarista, que serve aos preparativos guerreiros dos Estados Unidos. Enquanto foram reduzidas as verbas destinadas à assistência social deverão crescer os gastos com o Departamento de Defesa.

O apêlo conclui, declarando que os comunistas japoneses estarão na primeira linha da luta pela dissolução da Dieta e a realização de novas eleições gerais.

CAMPANHAS SALARIAIS VITORIOSAS

Conquistaram os têxteis cariocas uma vitória significativa, com a concessão de 15% de aumento salarial, aprovada na última reunião do Tribunal Superior do Trabalho. No ano passado, travaram uma batalha dura os trabalhadores em têxteis, no Distrito Federal, a fim de obter uma melhoria salarial capaz de compensar a elevação incessante do custo de vida. São eles justamente a categoria profissional que percebe menores salários e que enfrenta uma resistência enorme dos patrões, sempre que se trata de conceder qualquer aumento. Naquela ocasião, folhes

concedido aumento de 35%, compensado porém osalário-mínimo de julho de 1956 — daí resultou que na prática não houve aumento salarial algum. Em muitos casos, houve até redução de salários. RECORRE O SINDICATO OPERÁRIO Decidiu então o Sindicato dos Têxteis recorrer da sentença apelando para o TST, pleiteando um aumento proporcional ao custo de vida, cuja majoração fôra de 15%, a partir de setembro de 56, segundo cálculos realizados pelo Sindicato. Na reunião que decidiu a questão, desempatou o pre-

sidente do TST, pelo "voto de Minerva", a favor dos operários, concedendo-lhes o aumento salarial de 15%. AUMENTO PARA OS TRABALHADORES EM BEBIDAS Também os trabalhadores em bebidas, que se batem há longos meses por melhoria salarial, obtiveram vitória durante este mês. O caso da Cia. Antártica Paulista, que enviou para a assembleia operária que se realizava na sede do Sindicato da classe elementos provocadores de sua polícia particular, chegando inclusive ao assassinato de um operário e ferimento de mais de uma

dezena de outros — foi resolvido, finalmente, a favor dos trabalhadores. Ante a firmeza destes que, após esgotados todos os prazos concedidos à empresa, marcaram o dia da greve, foi a Antártica obrigada a conceder aumento de 22%. Na semana que passou, jul-

gou o TST o dissídio dos trabalhadores em bebidas da Fábrica Calru, no D. F. Haviam eles obtido 80% de aumento sobre os salários de agosto de 1954, com o que não se conformou a empresa. Recorreu daquela decisão, alegando dificuldades financeiras. No entanto, julgando o recurso,

foi o TST obrigado a reconhecer a justiça da causa dos trabalhadores e manter o aumento concedido. Foi essa, portanto, mais uma vitória expressiva da campanha que assume hoje um caráter nacional, por melhores salários e contra a carestia.

Em Greve os Marítimos do Pará

O MOVIMENTO ABRANGE SOMENTE OS EMPREGADOS DAS COMPANHIAS PARTICULARES — EXIGEM SALÁRIOS IGUAIS AOS DO SNAAP

Desde a zero hora do dia aumento geral aos aposentados de fevereiro, permanecem em greve os marítimos da Amazônia, que trabalham para as empresas particulares. Lançaram-se à luta grevista reivindicando o mesmo salário que o governo federal paga aos servidores do SNAAP (Serviço de Navegação e Administração dos Portos do Pará). Poucos dias depois, a paralização atingia a 360 embarcações, incluindo galeotas, navios, rebocadores. Tinham aderido ao movimento todos os sindicatos marítimos da região, além de duas delegacias, abrangendo um total de mais de dez mil trabalhadores.

Denunciaram os marítimos parenses as medidas arbitrárias tomadas pela Capitania dos Portos, no Pará, que tem autorizado a saída de navios sem suas guarnições completas, levando a bordo elementos estranhos à categoria. Trata-se de uma tentativa de golpear a luta grevista, sem levar em conta os riscos a que ficam expostos os passageiros que se utilizam de semelhantes embarcações. Alguns navios encontram-se sob ocupação militar, ficando a tripulação coagida por unidades de fuzileiros navais.

os quais agem por ordem expressa da capitania. Por outro lado, o governador Magalhães Barata ordenou o policiamento ostensivo do cais, visando a intimidar os trabalhadores. Mas com isso, só conseguiu fortalecer o ânimo de luta dos marítimos. Outra medida que provocou protesto dos sindicatos operários foi a recusa do juiz Olavo Guimarães em conceder-lhes mandado de segurança contra a saída de navios sem tripulações completas, por ordem do capitão dos portos. Em seu oitavo dia, prossegue a greve dos marítimos do Pará, decididos a só regressarem ao trabalho depois de conquistada a equiparação salarial.

Novos Debates em Torno Do Salário-Mínimo

CONFERÊNCIA DOS DIRIGENTES SINDICAIS DE VÁRIOS ESTADOS MARCADA PARA O DIA 9 PRÓXIMO, EM S. PAULO

Prosseguem em fase mais adiantada os debates entre as organizações sindicais do Rio e São Paulo, em torno do problema da revisão dos níveis atuais de salário-mínimo. Já em vários Estados foram realizadas as eleições para renovação das Comissões de Salário-Mínimo, com a indicação dos novos vogais.

examinadas em bases comuns as reivindicações dos operários dos principais centros industriais do país, contribuindo para impulsionar as lutas reivindicatórias que já se iniciaram este ano, com a greve dos marítimos e as campanhas salariais, lançadas pelos comerciantes e outros tra-

res, a fim de assentar um ponto de vista único. Ao que tudo indica, podemos prever para este ano um amplo movimento, através de todo o país, pela obtenção de melhores níveis salariais como resposta dos trabalhadores ao crescimento do custo de vida.

CONFERÊNCIA INTER-SINDICAL EM SÃO PAULO

Nos próximos dias 8 e 9 do corrente deverá realizar-se na capital paulista uma importante reunião inter-sindical, da qual participarão os principais dirigentes das organizações sindicais do Distrito Federal, São Paulo, Estado do Rio e Minas. A esse encontro poderão aderir ainda representantes de outros Estados, uma vez que se trata de assunto de grande relevância e que atrai hoje as atenções de todos os trabalhadores.

Três questões principais serão debatidas:

- a) salário-mínimo;
- b) revogação do Decreto 9.070;
- c) a nova Lei Orgânica da Previdência Social.

Nessa conferência inter-sindical deverão ser traçadas algumas das medidas de coordenação do movimento, que deverá ter âmbito nacional, em defesa de melhores níveis de salário-mínimo.

TAMBÉM O SALÁRIO MÓVEL E O PROFISSIONAL

Outras questões a serem examinadas na Conferência de Dirigentes são as que se referem à fixação do salário móvel — assunto que motivou amplos debates no ano de 57, bem como a concessão do salário profissional, o que, segundo vêm afirmando os trabalhadores há bastante tempo, viria sanar injustiças e a falta de compensação por um trabalho mais qualificado e de especialização.

A reunião de São Paulo dará oportunidade a que sejam

balhadores e ainda pela estruturação e equiparação justa dos servidores públicos.

AS BASES QUE SERÃO PROPOSTAS

Algumas declarações já foram divulgadas através da imprensa carioca e paulista, de alguns dos mais categorizados dirigentes sindicais em torno das bases em que será proposta a revisão dos níveis de salário-mínimo. Admitem todos que é indispensável levar em conta o aumento percentual no custo de vida, nestes dois anos que se passaram — muito embora a palavra definitiva só venha a ser dada após a Conferência de São Paulo.

No Distrito Federal, por exemplo, as propostas giram em torno de 5.500 cruzeiros, idéia defendida pelos comerciantes e também pelos têxteis.

A delegação carioca que deverá comparecer ao encontro da capital paulista prepara-se intensamente para intervir nos debates, já tendo realizado várias reuniões prelimina-



Desejam os trabalhadores do mar que seus salários sejam equiparados àqueles percebidos pelos empregados do SNAAP. Assim, apresentaram uma tabela comparativa, que revela a injustiça flagrante de que são vítimas:

Empresas particulares inclusive a Petrobrás	SNAPP	
	Cr\$	Cr\$
Comandante	7.000	14.000
Imediato	6.200	10.000
Maquinistas	6.200	10.000
Talheiros	1.900	3.800
Marinheiros e foguistas	2.665	4.800
Carvoeiros e Moços	2.211	3.880

Exigem agora os grevistas, além daquela equiparação, que não haja punição de nenhum grevista; respeito aos horários de trabalho; pagamento do repouso semanal e finalmente, etapas condignas.

A Defesa do Café Interessa...

(CONCLUSÃO DA 3ª PÁG.)

em estreita ligação com a da Bélgica (que apesar de país produtor, em territórios coloniais, é grande consumidor). A Conferência aprovou o convênio constitutivo da OIC, que terá, entre outros, os seguintes objetivos: defender a produção e a indústria cafeeira, incentivar o consumo tanto nos mercados já estabelecidos como nos de consumo potencial, proporcionar um foro internacional para a discussão dos problemas da economia cafeeira e formular e sugerir aos governos dos países membros medidas em defesa da economia cafeeira.

Embora não fosse objetivo da conferência o exame da questão da venda do café aos países socialistas, os principais delegados de países produtores, em declarações à imprensa, manifestaram-se favoráveis a esse intercâmbio. Os Srs. José A. Mora, secretário geral da Organização dos Estados Americanos, Manuel Mejía, da Colômbia, Paulo Guzzo, presidente do Instituto Brasileiro do Café, entre outros, manifestaram-se favoravelmente ao comércio com a União Soviética e demais países socialistas.

Predominou na Conferência o desejo de união e de organização dos principais países latino-americanos produtores de café. E claro que o conceito representativo, predominantemente, os interesses dos setores sociais e latifundiários e grandes comerciantes desse países. Mas é também evidente que mesmo esses setores têm os seus interesses prejudicados pela política imperialista norte-americana. Com a criação da OIC, — que traduziu a conjugação de esforços desses setores sociais em defesa do principal produto de exportação de seus países, — ganha novo impulso o conjunto da luta anti-imperialista na América Latina. Cresce a oposição à exploração da economia de nossos países, até aqui realizada livremente pelos imperialistas lianques, e mesmo os setores sociais mais passivos a essa exploração dão um passo no sentido da defesa de um importante produto de nossas economias sub-desenvolvidas. Que este passo venha a ser seguido de outros ainda mais firmes, depende da atitude dos representantes da economia cafeeira latino-americana dentro da OIC.

Lutar por um Governo...

(CONCLUSÃO DA 5ª PÁG.)

naram as lutas pela abolição, a independência nacional e a República.

Os que exigiram no início do século passado a abertura dos portos e outras medidas progressistas uniram-se aos que lutaram por melhores condições de vida para as populações e pelas liberdades, contra o opressor estrangeiro e seus representantes internos. Todos os movimentos históricos de caráter progressista eram impulsionados pelas mesmas forças e a mesma consciência inerentes à situação concreta, de cada situação.

Nestas históricas lutas pela independência e pelo progresso, a política externa desempenhava sempre um papel especial. Isto ocorreu e ocorre em todos os países dependentes. Também atualmente um governo nacionalista e democrático está ligado estreitamente a uma política externa e interna progressista e democrática. No momento, possuímos a vantagem de algumas condições históricas particulares muito favoráveis, tais como a existência do sistema socialista e o movimento operário cada vez mais unido e forte. Portanto, um governo nacionalista democrático de coalizão das forças interessadas em tal mudança da política externa e interna parece ser no momento o resultado natural de um longo processo histórico.

Prestes mostra que neste governo, um governo por assim dizer de transição, podem participar quaisquer forças de classe, uma vez que sejam da frente única nacionalista e democrática. A própria situação do país e do mundo pode levar a mudanças naturais na composição e no conteúdo do governo, de acordo com as tarefas que se apresentarem. O importante é conseguir um governo nacionalista progressista e democrático.

Outro fator importante indicado por Prestes é que a conquista de tal governo, com tais mudanças políticas, não implica, necessariamente na substituição do atual regime. Realmente, o desenvolvimento econômico natural e objetivo que favorece as forças vivas da nação e as lutas nacionalistas e democráticas, como as greves, as eleições, a reação contra os golpistas em 11 de novembro, que derrotam paulatinamente as tentativas dos agentes do imperialismo norte-americano de barrar o desenvolvimento do país no sentido progressista, são comprovantes desta afirmação. Outros exemplos são algumas mudanças dentro do governo federal e na sua política no sentido progressista no decorrer do último ano. O mesmo vem ocorrendo em alguns governos de Estados e municípios importantes. Estes e outros fatores mostram que tal política e a composição do governo podem ser mudados progressivamente através da conquista de novas posições pelas forças da frente única nacionalista e democrática dentro e fora do governo.

Neste constante processo de desenvolvimento da situação nacional e internacional favoráveis ao progresso e à democracia, a recomposição dos governos está sempre na ordem do dia. As forças nacionalistas e democráticas em qualquer lugar nunca devem perder de vista seu objetivo de reforçar suas posições no governo. Tanto a mobilização das massas como o estabelecimento de acordos imediatos entre as mais diversas forças e os partidos devem ter em mira os governos em primeiro lugar. Nas eleições, este é o objetivo fundamental. Mas, ações e acordos em outras circunstâncias são também indispensáveis para obter posições nacionalistas e democráticas dentro dos governos. Será sempre um fator de impulsionamento da unidade e da organização das forças de progresso e da independência nacional.

Assalariados e Pequenos Proprietários São Esmagados Pelos Grandes Fazendeiros



PASSANDO FOME E SEM LIBERDADE DE LOCOMOÇÃO — TERRAS FÉRTIS TRANSFORMADAS EM PASTOS — COMO VIVEM AS FAMÍLIAS DE COLONOS — BAIXÍSSIMO O PODER AQUISITIVO DOS ASSALARIADOS COM SALÁRIO DE 25 CRUZEIROS — NECESSÁRIA A LUTA PELO CUMPRIMENTO DA LEI DO SALÁRIO-MÍNIMO (1a. reportagem de uma série de duas, dos Correspondentes F. de Lima e Rangel Peçanha.)

A existência do latifúndio na estrutura agrícola brasileira, é um entrave ao desenvolvimento da economia nacional, que está a exigir uma solução justa, de acordo com os interesses da grande massa camponesa. O latifúndio e as relações de produção semifeudais mantidas pelos latifundiários se tornam num tremendo sacrifício para os trabalhadores agrícolas.

Recentemente tivemos oportunidade de percorrer o norte fluminense, no Estado do Rio e pudemos ver, como é cada vez mais difícil a vida, não só dos assalariados agrícolas e colonos, mas também, do pequeno e médio lavrador. Os assalariados e pequenos proprietários começam as suas atividades diárias às 2 horas da manhã e vão até a horas avançadas da noite, a fim de ganhar o pão para as suas famílias.

O cultivo de arroz, que é o principal produto daquela região, dura apenas 6 meses. Depois desse período, os lavradores viajam 3, 4 e 5 léguas, para trabalharem, atravessando as fronteiras do Estado do Rio com Minas Gerais e Espírito Santo. Esta caminhada é feita diariamente de ida e volta, carregando cada um os seus embornais.

SEM ALIMENTOS E SEM LIBERDADE

O salário que os lavradores percebem não lhes permite tratar da saúde nem alimentá-los convenientemente. O fubá é a base de sua alimentação. Mesmo assim, nem todos os dias eles a têm para comer. Não é frequente entrar em sua casa um pouco de açúcar. Quanto à carne, é muito difícil tê-la em sua mesa.

Existem certas fazendas que não permitem que o assalariado ou o colono receba visita em sua casa, mesmo que seja seu parente. Quando isso acontece, o trabalhador é chamado à presença do fazendeiro que determina um prazo para a visita se retirar. Por outro lado, o fazendeiro não permite que o assalariado ou colono se afaste da fazenda para

visitar nem mesmo parentes do trabalhador agrícola, privado até da liberdade elementar de locomoção.

CAPIM EM VEZ DE CEREAIS

No norte fluminense, há grandes fazendas com áreas de 100 a 500 alqueires de terra. Em muitas delas, dezenas de famílias de colonos cultivavam o milho, feijão, arroz, café, mandioca, algodão, etc.. A partir de 1930, as famílias de colonos foram sendo expulsas pelos grandes fazendeiros e as terras foram se transformando em pastos. Os lugares onde se cultivavam os cereais, foram ocupados pelo capim. Fazendas de cultivos agrícolas foram, inteiramente, transformadas em fazendas pecuaristas.

antes no hospital. Vive assim, o Toda região norte fluminense possui terras férteis. Existem ali imensos vales com capacidade para produzir muitos milhares de sacos de arroz. Entretanto, vivem abandonados. Enquanto isso, milhares de famílias camponesas não têm um pedaço de terra onde plantar um pé de mandioca.

COMO VIVEM OS COLONOS

Encontramos fazendas, nas quais trabalhavam de 20 a 30 colonos, com o salário diário de 25 cruzeiros para os homens, e 15 a 16 cruzeiros para as mulheres e crianças. A jornada de trabalho desses assalariados começava e terminava com o sol.

Nessa região, o salário-mínimo, decretado pelo governo, é de Cr\$ 3.200,00, o que significa uma diária mínima de 107 cruzeiros para os trabalhadores de maior idade (seja homem ou mulher) e de 53 cruzeiros e 50 centavos para os de menos de 18 anos de idade. Mas a verdade é que o salário mínimo oficial não vigora. O salário diário de 25,00 é muito difundido.

Pelas dados acima pode-se ter uma ideia da desumana exploração que sofrem os colonos do norte fluminense e que espécie de vida levam com salário diário que mal chega para comprar um quilo de arroz. No entanto, esta exploração se tornará muito mais revoltante se fizermos um quadro comparativo entre o que ganham os grandes fazendeiros e o que percebem os colonos.

Numa das fazendas por nós visitadas, existe um vale com uma área de 10 alqueires de terra, mais ou menos, dando a produção de 2.500 sacos de arroz, e uma área menor de 2 alqueires, dando uma produção de 200 sacos de milho. Nesse vale estão ocupados 30 assalariados, durante 6 meses, os fazendeiros ganham com salário Cr\$ 108.000,00.

Vejam, agora, o lucro do fazendeiro. 2.500 sacos de arroz foram vendidos (no ano passado) a Cr\$ 400,00 o saco, rendendo um milhão de cruzeiros. Quinhentos sacos de milho e cento e vinte e cinco mil cruzeiros renderam 125 mil cruzeiros, o que totalizou 1 milhão e 125.000,00.

Tirados destes, a importância de 108 mil cruzeiros que pagou de salário resta, para o fazendeiro, a importância de um milhão e 17 mil cruzeiros. Agora alguma pequena despesa, quase tudo ali é lucro.

Eis aí onde está o grande contraste, a monstruosa injustiça. Enquanto um homem ganha sem trabalhar, um milhão de cruzeiros, trinta famílias que trabalham de sol a sol durante 6 meses com fome e doentes, recebem apenas 108 mil cruzeiros, isto é, um décimo do que ganhou o fazendeiro.

PODER AQUISITIVO DO COLONO

Pelos dados acima, vemos que o poder aquisitivo do colono no norte fluminense, em geral é de 150 cruzeiros por semana. Mas, ele precisa de 10 produtos de primeira necessidade, tais como: banana, fubá, açúcar, feijão, café, carne, sabão, sal e querosene, não somente para si, mas também para sua família, composta, em média de 5 a 6 pessoas. Porém estes gêneros, pelo preço atual, lhes custarão Cr\$ 427,00 e ele só tem 150 cruzeiros para comprar. Falta portanto 277 cruzeiros para que o colono possa comprar aquele mínimo para continuar vivo, porque está muito longe de possuir aquele mínimo necessário a uma vida simples, mas despreocupada.

Tão miserável é o salário do colono que mesmo tendo mais duas pessoas na família, trabalhando, o salário ainda não chega para comprar os 10 gêneros acima relacionados.

Como pode o trabalhador agrícola obter roupa, calçados, remédios, mandar os filhos para a escola, ter diversões e outras coisas tão necessárias e indispensáveis à vida de uma criatura humana?

A saída imediata é a luta pelo recebimento do salário-mínimo. Direito conquistado pelos trabalhadores, transformado em lei pelo governo, que os grandes fazendeiros devem respeitar. Mas eles só respeitarão na medida em que os assalariados e colonos sejam suficientemente fortes para obrigá-los a pagar.

AUTORIDADES DE MATO GROSSO

COMPACTUAM COM "GRILEIROS" EM DOURADO

Distribuída pelo Estado aos «grileiros» terras da Colônia Agrícola pertencente à União — «Grileiros» avançam nas terras ocupadas pelos colonos — Prefeito, juiz e delegado de polícia de Dourados protegem os delapidadores do patrimônio nacional — Dourados transformada em praça de guerra para receber uma pacífica manifestação de colonos

Encontram-se no Rio os lavradores Romeu Teixeira Simões e José dos Santos Galdeias, presidente e membro da Diretoria da Associação Profissional dos Proprietários Rurais da Colônia Agrícola de Dourados. São portadores de três abaixo-assinados contendo milhares de assinaturas, dirigidos ao presidente da República, ao Ministro da Guerra e ao Congresso Nacional, relatando as arbitrariedades cometidas contra os lavradores da Colônia e o assalto que se processa ao patrimônio da União.

Os dois lavradores estiveram em nossa redação e nos disseram estar ameaçados as suas terras pela ação dos «grileiros», acobertados pelo delegado de polícia, pelo prefeito de Dourados.

A Colônia foi criada em fevereiro de 1941, ficou determinado que até julho de 1948 a União deveria mandar medir as terras para fazer a sua divisão com os lavradores. Passada, porém, esta data, a medição não foi feita. Disso se serviu o governo do Estado de Mato Grosso para fornecer título de propriedade aos seus compadres e afilhados. Enquanto isso acontece, milhares de lavradores, tanto de Mato Grosso como de outros pontos do país, esperam uma oportunidade para adquirir um lote de terra da Colônia, onde possam trabalhar.

O protecionismo das autoridades estaduais em relação a «conhecidos «grileiros» da região, se constituiu numa ameaça aos lavradores que possuem terras na Colônia, pois os títulos definitivos fornecidos pelo Estado, aos grileiros, são de terras cuja localização, vem prejudicar seriamente os colonos. A Administração da Colônia Agrícola declarou aos colonos que não autorizou a localização de fazendas dentro da Colônia, de-

xando claro que se trata de ato arbitrário do governo, em favor dos «grileiros».

Em vista disso, os colonos procuraram o sr. José Helder, o mais audacioso grileiro de Dourados e lhe solicitaram a retirada da fazenda de dentro da colônia. O «grileiro» não só não atendeu ao apelo dos colonos, como iniciou, junto com outros «grileiros» estúpida perseguição aos colonos. Soldados da Polícia foram espalhados na colônia pe-

ra «proteger» a fazenda do sr. José Helder.

REAGEM OS COLONOS PARA A SUA DEFESA

Sentindo a iminência de perderem os seus lotes de terra, os colonos se uniram, de vez que outra arma não tinham para defender-se. Cerca de 300 colonos se dirigiram para a tal Fazenda do «grileiro», a fim de afastar a ameaça que pesava sobre suas terras. Os policiais ao saberem que os colonos se dirigiam para lá, se retiraram e os colonos, ao chegarem não encontraram ninguém com quem se entender.

Entretanto, os insultos e as ameaças dos grileiros continuaram, obrigando aos colonos se manterem em permanente vigilância para não perderem suas terras. Servindo os grileiros, o Juiz de Direi-

to de Dourados, junto com a polícia, promoveu um processo contra cinco colonos, por eles apontados como chefes. No dia em que os referidos lavradores tinham de comparecer na Justiça, foram acompanhados por mais de 1.300 colonos com eles solidários. O Juiz, ao saber que os colonos se preparavam para ir a cidade, mobilizou cerca de 200 soldados do destacamento de Dourados e municípios vizinhos, armados com dezenas de metralhadoras e outras armas. Assim, ao chegarem à cidade, numa manifestação pacífica, os colonos se viram envolvidos por tropas da polícia, de armas em punho. Foi desfeita a manifestação, apreendida a Bandeira Nacional que conduziam e insultados os colonos pelos «grileiros» e a «polícia».

QUEREMOS IMPEDIR UMA CATASTROFE

Como as ameaças de toda ordem continuassem, com o perigo de degenerar em sérios conflitos, os colonos resolveram mandar ao Rio seus representantes para solicitar do governo Federal a justiça que não encontraram em Mato Grosso. Disse-nos o sr. Romeu Teixeira Simões, presidente da Associação: «A Associação tem o objetivo de conseguir do governo, uma solução definitiva para o problema das terras da Colônia. Queremos impedir uma catástrofe.»



Os dois representantes dos colonos de Dourados, quando, em nossa redação, denunciavam as arbitrariedades dos «grileiros» e de autoridades estaduais de Mato Grosso.

PELA UNIDADE E COESÃO DO MOVIMENTO COMUNISTA

(CONCLUSÃO DA 4ª PÁG.)

posição errônea, nociva, que deve ser repelida. Grosseira e também aquela segundo, a qual a Declaração apresenta como única forma de luta nos países capitalistas — a frente popular (que, além do mais é uma diversa do «modelo soviético»); uma vez que a tática seguida hoje pelos partidos comunistas nos países coloniais é mais ampla do que a fórmula da frente popular; uma vez que também para os países capitalistas mais adiantados a Declaração indica a possibilidade de novas formas de entendimento e de colaboração política, que não sejam as da frente popular, e desenvolve uma análise, que não se contém nas históricas definições do VII Congresso da Internacional, porém vai mais adiante, como é necessário, recolhendo as experiências fundamentais dos partidos comunistas no que se refere às possíveis alianças com as diversas camadas dos camponeses com as massas da camada média urbana, com as populações das zonas subdesenvolvidas: em suma, com todas as camadas lançadas na crise e oprimidas pela supremacia dos grandes monopólios.

Também aqui devem ser confrontados aqueles que tagarelam sobre o «imobilismo» e o «encerramento» dos comunistas. Fomos nós, os comunistas, que fizemos avançar, na teoria e na prática, a questão da aliança entre operários e camponeses, vencendo as resistências sectárias do velho movimento socialista. Fomos nós, os comunistas, que iniciamos uma avaliação diversa da luta dos países coloniais e do papel da burguesia nacional nesses países, quando outros ou não compreendiam nada de tal problema, ou francamente combatuavam com as forças coloniais. Fomos nós, os comunistas, que fizemos a política de Salerno e que, na Itália e em outros lugares, demos a maior contribuição para orientar a luta do movimento operário no sentido de uma ação que desde o início e nas próprias condições da opressão capitalista tivesse um aspecto nacional, construtivo, unitário. Facéculos, «fechados» e sectários são aqueles que pretendem seja liquidada ou definitivamente condenada uma base importante da tática do movimento operário, como foi e é a frente popular; e, atrás da polémica contra o «frentismo» mascararam o abandono da política unitária e as posições de princípio, que conduziram à vitória de Outubro, ao reconhecimento de um sistema de Estados Socialistas, às atuais derrotas e ao declínio do imperialismo.

O SENTIDO DA LUTA CONTRA O REVISIONISMO

Quando a Declaração dos partidos comunistas e operários dos países socialistas afirma que existem leis gerais para a passagem do capitalismo ao socialismo, ela não indica modelos únicos pré-fabricados para fazer descer mecanicamente sobre a realidade viva, mas recolhe o quanto de geral brota de uma análise da nossa época realizada à luz do marxismo-leninismo e verificada por quarenta anos de luta prática. Trata-se de conhecer e de compreender como estas leis se concretizam na vida e na história de cada país em particular e de fazer corresponder a esta realidade concreta a estratégia e a tática da classe operária: eis a tarefa autónoma, criadora, de cada partido comunista e operário, eis o significado da nossa fórmula do caminho italiano para o socialismo. Mas negar a validade destas leis gerais é isolar absurdamente a luta de classes de cada país em particular do conjunto da luta geral, que se desenvolve no mundo, é — de fato — negar a existência de uma doutrina da classe operária e a capacidade da classe operária de compreender o processo histórico na sua unidade e na sua integridade. E, na realidade, aqueles que, em nome da «independência de Moscou», repelem as posições de princípio reafirmadas na Declaração sobre a necessidade da direção da classe operária e do seu destacamento de vanguarda, da ditadura do proletariado nesta ou naquela forma, do centralismo democrático, digam-no ou não, queiram-no ou não, visam a substituição da doutrina da classe operária, do marxismo-leninismo: eles contestam a análise marxista-leninista da natureza do imperialismo e do caráter de classe do Estado, contestam a concepção classista do problema da liberdade. Que então se fale claro. É ridículo contrabandear sob a bandeira do XX Congresso o abandono das posições-chave do marxismo-leninismo e em nome do XX Congresso protestar contra a Declaração assinada em Moscou. O XX Congresso está solidamente ancorado nos princípios marxistas-leninistas. Não se pode cortar-lhe uma fatia para proveito próprio. A luta energética, firme, contra o abandono das posições marxistas-leninistas, contra o reformismo e o revisionismo, em que a Declaração identifica hoje o perigo principal para o conjunto do movimento operário e comunista, é condição necessária, não eliminável, para levar para a frente as posições do XX Congresso: sem ela e fora dela não se conduz eficaz-

mente a luta nem mesmo contra as resistências sectárias, se desarma e se priva de autonomia a classe operária, se passa de uma justa e autónoma política de alianças para o colaboracionismo e para a dependência em face do adversário de classe.

AS RELAÇÕES ENTRE OS PARTIDOS COMUNISTAS

A Declaração assinada em Moscou exprime o amplo acordo, a sólida unidade que sobre estes pontos existe não sómente entre os partidos comunistas e operários dos países socialistas. E, efetivamente, na elaboração do documento os partidos comunistas dos países capitalistas foram consultados e intervieram com as suas observações, conselhos e propostas. Pode-se dizer que a formulação do documento recolhe também os resultados desta discussão e, mais em geral, das experiências que os partidos irmãos trouxeram a esta discussão. O fato que o documento apresenta a assinatura dos partidos comunistas e operários dos países socialistas e por eles seja proposto ao exame e ao julgamento dos outros partidos irmãos, corresponde à articulação que tem hoje o movimento comunista internacional, à diversidade de posições e de tarefas, ao grau de desenvolvimento que têm, no momento atual, as relações entre eles.

Evidentemente, nem tudo foi resolvido. A Liga dos Comunistas Iugoslavos, por exemplo, não assinou a Declaração. Isto parece decorrer de algumas diferenças de apreciação que existem com os companheiros Iugoslavos e que todos auguram sejam superadas no futuro. Em Moscou, levaram-se em conta estas diferenças de modo tranquilo e responsável, trabalhando sobretudo para consolidar um sistema e um método de relações, que permitam superá-las através da discussão fraternal. E, efetivamente, elas não impediram que a Liga dos Comunistas Iugoslavos participasse da Conferência mais ampla dos 64 partidos comunistas e operários, afirmando deste modo o seu vínculo solidário com eles e subscrevendo o apelo comum de paz. Isto é um importante passo para a frente e é também a prova do modo como são enfrentadas as divergências ainda existentes.

Já foi dito que os encontros de Moscou não representam um retorno nem ao Comintern, nem ao Cominform: isto porque uma organização e direção centralizadas do movimento comunista não corresponderiam hoje ao desenvolvimento dos partidos comunistas e aos problemas que diante deles se apresentam, e, doutra parte, é-se consciente de alguns defeitos e limitações que teve o Biró de Informação. Escolheu-se o caminho da multiplicação dos contactos bilaterais e das conferências comuns de que participem mais partidos ou todos os partidos comunistas e operários. Hipócritas, e de todo sem convicção, são o moderado clamor e os protestos que a este propósito ergueram burgueses e social-democratas. O internacionalismo proletário está inscrito com todas as letras em nossas bandeiras, como com todas as letras está inscrita a nossa solidariedade indestrutível ao primeiro país socialista e a todos os países em que a classe operária conquistou o poder. Nem se trata sómente, da nossa parte, da natural comunhão de idéias e de luta. Trata-se de um interesse preciso da classe operária italiana e de nosso povo. Temos um inimigo comum, o imperialismo, que é força internacional e age internacionalmente: pelo contrário, na sua luta não respeita as realidades nacionais, teoriza sobre o abandono da independência nacional de cada país e a golpeia, sustenta — em nome dos seus interesses — as formas mais vergonhosas de colonialismo. Na Itália, de resto, o maior

partido burguês se vangloria até de sua sujeição ideológica e política a uma força, que se apresenta como potência mundial e que conduziu uma luta obstinada contra a própria formação da nação italiana e a sua elevação a Estado independente, soberano e laico. (N. 1. — refere-se ao Vaticano).

E como a classe operária e os trabalhadores italianos poderiam esquecer que as vitórias do campo socialista sobre o imperialismo são vitórias sobre o inimigo comum, são também suas vitórias? Devem elas renunciar a este vínculo e a esta aliança porque ali, na União Soviética, na China ou na Tchecoslováquia, a classe operária e os trabalhadores conquistaram o poder e dirigem o Estado? Mas justamente este aparecimento de Estados Socialistas mudou radicalmente as relações de força, abriu novas possibilidades de luta e de avanço ao povo italiano, permitiu a centenas de milhões de homens quebrar as cadeias do imperialismo e conquistar a independência, assim como ontem a força da União Soviética permitiu abater o fascismo e salvar a democracia, assim como hoje a existência do campo socialista abre novas esperanças de banir a guerra! Esta é a diferença radical entre os nossos vínculos internacionais e aqueles que amarram as velhas classes dominantes ao imperialismo; os nossos são em favor da paz, do progresso do povo, da independência nacional. Defendendo as conquistas do socialismo, defendemos a causa da nossa independência, da liberdade e do progresso do nosso país.

Eis porque saudamos o fortalecimento da unidade e a consolidação das relações entre os partidos comunistas e operários atingidos nos encontros de Moscou, como um sucesso que é do interesse de todos os trabalhadores do nosso país, como uma garantia de fortalecimento geral da luta pela paz e pelo socialismo. A delegação do nosso Partido participou de modo ativo da Conferência dos 64 partidos comunistas e operários e dos encontros que a acompanharam, com observações e propostas que representaram uma contribuição não só discussão, mas também à elaboração de uma posição comum. Nos encontros de que a delegação participou, expuzemos amplamente as nossas experiências, seja no que se refere aos nossos sucessos como às nossas debilidades. Apresentamos com franqueza a nossa posição e propósito dos problemas que estavam sobre a mesa. E isto porque estamos convencidos de que a unidade entre os partidos irmãos deve ser de substância e por conseguinte, tem necessidade do debate, que não ignora os problemas e as dificuldades, e, por outro lado, se desenvolve de modo responsável, em um clima de fraternidade e de compreensão recíproca, não esquecendo nunca o adversário, contra o qual é necessário dirigir o ataque comum. Agora nos cabe trabalhar para cumprir as grandes tarefas, que estão diante os povos e as vanguardas comunistas e em torno às quais se realizou o amplo acordo de todos os partidos irmãos: primeiras entre todas, a defesa da paz, a elevação do nível de vida das massas, a unidade do povo contra o poder dos grandes monopólios, pela democracia e pelo socialismo. Para este nosso trabalho virá nosso impulso da consciência das históricas vitórias da União Soviética e de todo o mundo socialista, que as celebrações do 40º Aniversário da Revolução de Outubro contribuíram para tornar mais clara e extensa; da reforçada solidariedade com o mundo do socialismo e com os partidos irmãos, que se expressou nos encontros de Moscou; da confirmação daquela grande linha de fidelidade aos princípios e de audaz iniciativa política, que remonta ao XX Congresso do PCUS e que influi poderosamente no VIII Congresso do nosso partido.

A BATALHA DA DIFUSÃO

Não correu bem para o D.F. a difusão de VOZ OPERÁRIA, edição n. 451. Depois de um período de estabilização das quantidades, que nem mesmo no período de festas de fim de ano, se alterou, vários agentes de bairro deixaram de apanhar sua cota, o que resultou numa baixa de 10% nas vendas. Entre os agentes, que não compareceram para apanhar os jornais figuram os seguintes: BB-3, Bonsucesso, Mesquita, Andrade Araújo, Marim, DCO-1 e 2, Costeira, O. Marítima, Mocanguê (quase todos os agentes), Posto 4, P. Ilares, Frei Caneca, Dutos, Nupser, Saúde e outros. Enquanto isso a venda nas bancas aumentou de 170%. É difícil apontar, sem conhecimento de causa quais os fatores que influíram nesse acontecimento. Mas deve ter havido razão séria, determinando a ausência dos agentes. Qual seria?

Vejamos, agora, o que se passou em São Paulo (Capital), mais ou menos no mesmo período: nos bairros, houve um aumento real de 56,5% e nas bancas um aumento de 22%. Esses sucessos aproximam a difusão de São Paulo (Capital) do nível em que está o Distrito Federal. Não seria o caso de se estabelecer uma emulação com um prêmio oferecido pela «VOZ», aos que maiores coeficientes de venda apresentarem até 30 de março vindouro? Aguardaremos interessados e pronunciamento dos agentes de São Paulo e do D. Federal.

Queremos chamar a atenção dos nossos agentes para a experiência dos nossos agentes da capital paulista. Qual tem sido a chave dos seus êxitos? Basta ler a «VOZ OPERÁRIA». São constantes as reportagens, as correspondências de fábricas e de fazendas, notícias sobre restabelecimento de agências no interior e outros assuntos de indiscutível interesse da massa trabalhadora e do povo em geral.

Esse procedimento ainge aos milhares de leitores de São Paulo, que são, por isso mesmo, os melhores propagandistas de nosso jornal.

Vamos seguir os exemplos dos nossos amigos paulistas?

NOVAS AGENCIAS: Ourinhos, Salto Grande, AGENCIAS, RESTABELECIDAS: Sabará, Taçuba, Gailéa, Cataguases, Catanduva, Lins, Salto, Jundiaí.

NOVOS ASSINANTES: Colônia (16), Ponta Preta (11), Lajinha (3).

MUDANÇA DE AGENCIAS: A partir de 10/11, Juiz de Fora terá novo agente, que será o sr. Joaquim Teixeira Chaves.

Mais uma vez recebemos reclamações de nossos agentes do interior, a respeito de

não recebimento de VOZ OPERÁRIA. S. Anastácio reclama que desde dezembro não chega jornal para aquela cidade. Araraquara não recebeu as edições de 22/11, 13 e 27/12. E, no entanto, as quantidades de jornais desses agentes são entregues, regularmente aos Correios todas as semanas. E de se esperar uma providência energética, de quem de direito, a fim de se por um fim a essa anormalidade, que já está causando espêche e dando sérios prejuízos.

PAGAMENTOS DE 23.1 e 4.2.58: Barra do Piraí (A.M.A.) 2; Tasciba; Buri; Gailéa; Bauri; S. Paulo (3); Araraquara; Mogi das Cruzes; Maringá; Aquidauana; Jacareí; Corumbá; Friburgo; Sabará; Morro Agudo; Campo Grande; Porto Alegre; Natal; Curitiba (2); Dourados; Indaiatuba; Campina Grande (2); Juiz de Fora (JTC); Taubaté; Salto; Rio Claro; Manaus; João Pessoa; Salvador; Catanduva (RC); Gov. Valadares; Coronéio Procópio; Santos; Iacanga; S. J. B. Vista; Campinas; Jundiaí e C. Itapevira.

FALECIMENTO: Notícia que nos chega bastante atrasada, traz a notícia

do falecimento do antigo agente de VOZ OPERÁRIA, em S. Simão, Sr. Tesifon Sanchez, um sincero amigo do nosso jornal. A família enlutada VOZ OPERÁRIA apresenta suas condolências.

POSTA RESTANTE

De BARRA DO PIRAI — Acusamos o recebimento de fotografias e mensagem de saudação ao camarada Prestes, pela passagem do seu 60.º aniversário. Deixamos de publicar em virtude do grande número de mensagens semelhantes que nos chegaram, para as quais não tínhamos espaço. Limitamos a registrar o recebimento.

De BUTIÁ — Recebemos, assinados por Mauro Taquarense cartas denunciando um novo atraso no pagamento dos mineiros e sobre as irregularidades da delegacia de IAPTEC, em São Jerônimo, causadas pelo domínio daquela autarquia, por políticos divorciados dos interesses dos trabalhadores.

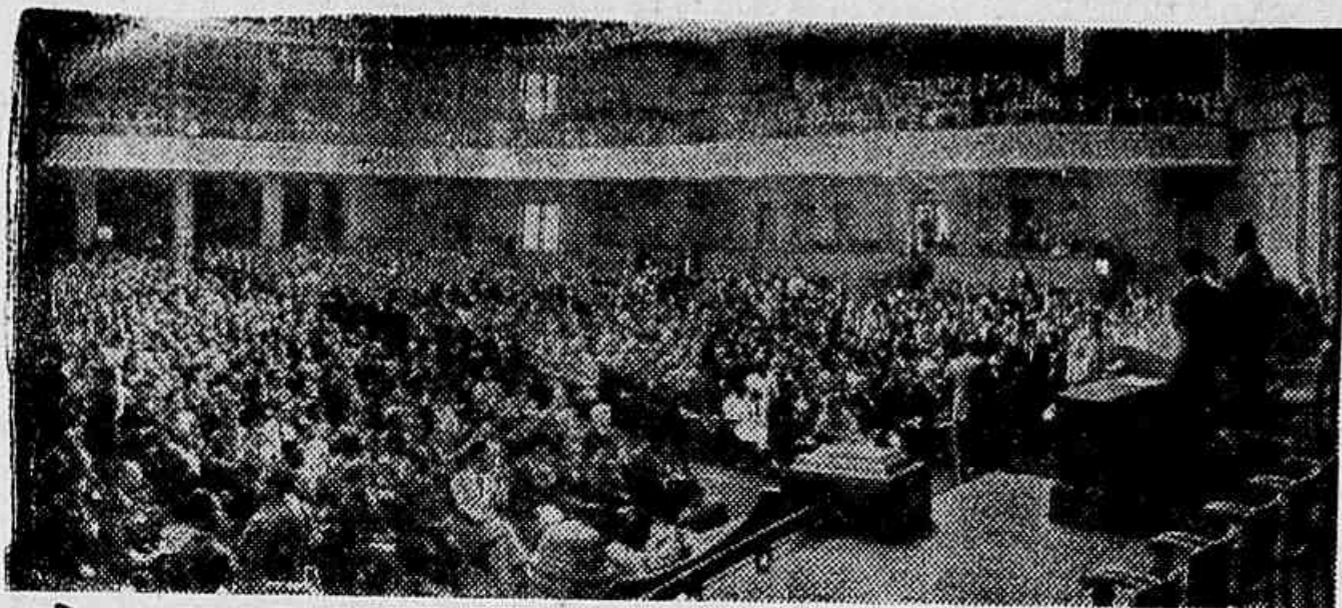
Muito grato, volte a carta tão atrasada, traz a notícia

QUEREM EQUIPARAÇÃO DE SALÁRIO OS TRABALHADORES DO HORTO

RIO CLARO (Do Correspondente) — Os operários do Horto Florestal da Companhia Paulista de Estrada de Ferro estão enpenhados na conquista da equiparação dos seus salários, aos salários dos operários das Oficinas, da mesma Companhia. Os operários do Horto, sendo trabalhadores especializados (carpinteiros, serradores, etc.), não se justificam a diferença existente nos seus salários, em relação aos trabalhadores das Oficinas, os quais recebem Cr\$ 544,00 a mais do que o pessoal do Horto. Além disso, há mais um agravante: enquanto a jornada de trabalho dos operários das Oficinas é de oito horas, o que é inteiramente justo, os operários do Horto trabalham nove horas por dia.

Quando os trabalhadores do Horto reivindicam perante a Companhia Paulista a equiparação de salários, alegam os senhores da C.P. que a diferença é porque os trabalhadores do Horto moram em casas da Companhia. Porém esse argumento não convence a ninguém. Primeiro, porque não se pode chamar de casa as péssimas habitações em que moram os trabalhadores. Mesmo que fossem boas casas, esse não é o critério para se determinar os salários dos trabalhadores. Portanto, têm razão os trabalhadores quando reivindicam a equiparação dos seus salários ao pessoal das Oficinas.

ASIA e AFRICA se LEVANTAM Para um novo FLORESCIMENTO



Um aspecto do Congresso de Solidariedade Afro-Asiático. Delegações de 37 países asiáticos e africanos estiveram presentes à solene sessão de abertura.

Resoluções da Conferência do Cairo

SÓBRE A COOPERAÇÃO ECONÔMICA E TÉCNICA:

RECOMENDAÇÕES PARA O FOMENTO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL

A CONFERÊNCIA opina que a economia subdesenvolvida e o baixo nível de vida nos países afro-asiáticos se deve a várias causas, a saber: insuficiência de capital e de pessoal técnico, escasso desenvolvimento da indústria, devastações na agricultura por enfermidades e pragas do campo e a incompleta utilização dos recursos existentes, mediante a planificação apropriada da produção. A maioria dessas causas têm por origem a dominação da economia nacional dos países afro-asiáticos pelo jugo imperialista. Por isso, resolveu:

— não se opor às inversões de capital estrangeiro nem aos empréstimos estrangeiros, sempre e quando as inversões e os empréstimos estrangeiros não impliquem condições políticas, não restrinjam nem orientem a economia do país beneficiário; além disso não deve ter privilégios especiais sobre o capital nacional.

— exortar os governos dos países afro-asiáticos, as companhias e outros organismos a estabelecer intercâmbio de dados e informações econômicas e técnicas e intercâmbio de especialistas em todos os ramos da produção.

— uma vez que ainda não se realizou um rápido desenvolvimento econômico nos países afro-asiáticos, a conferência insiste em que os governos interessados tomem medidas imediatas para planificar, organizar e coordenar os meios de produção e venda para a utilização completa de suas riquezas naturais.

A Conferência insistiu na importância da industrialização e da utilização de maquinaria moderna para aumentar a produção, bem como na realização de reformas agrárias. Recomendou a conclusão de acordos mútuos entre os países afro-asiáticos para realização de campanhas de combate às pragas da agricultura.

SÓBRE O IMPERIALISMO:

A CONFERÊNCIA dos povos da África e da Ásia sustenta a firme crença de que os apetites imperialistas conduzem à

intervenção nos assuntos de outros países, a pactos e alianças militares e políticos dirigidos contra a paz mundial. Esses apetites conduzem a complôs contra os governos nacionais, a uma tensão permanente nas relações internacionais, à usurpação dos direitos naturais das pequenas nações à liberdade, à soberania e à independência. Conduzem à instigação da guerra fria e à intensificação da corrida armamentista. Esses fatores podem ser motivo de uma verdadeira guerra, o que seria uma catástrofe para a humanidade.

Com essa certeza e animada pelo espírito de Bandung, a Conferência condena:

a) o imperialismo em todas as suas formas e manifestações;

b) a ingerência estrangeira nos assuntos de outros países;

c) os pactos e as alianças militares e políticas que criam esferas dominantes de influência, ameaçam a paz mundial e semegram as aspirações dos povos;

d) a ajuda militar a um país ou grupo de países, que constitui uma ameaça aos países vizinhos e os obriga a aumentar os orçamentos de guerra, retardando o desenvolvimento econômico de seus povos;

e) os tratados que atentam contra a soberania nacional dos Estados;

f) a exploração da economia nacional de outros países, em benefício das potências imperialistas;

g) os complôs visando a derrubar governos nacionais, no interesse dos imperialistas;

h) a ajuda em condições prejudiciais aos interesses de Estados pequenos e que, no fim, atentam contra a sua soberania e independência;

i) a instalação de bases militares estrangeiras e a presença de forças armadas no território de outros países.

A Conferência vê na política cristalizada nos "punches shila" e nos dez princípios de Bandung o melhor meio para o alívio da tensão e a cessação da guerra fria.

Por isso proclama que apóia integralmente os direitos dos povos:

a) à liberdade, à autodeterminação, à soberania e à independência completa;

b) à solução dos problemas internos, por suas próprias forças;

c) a eleger as formas de governo segundo seu próprio desejo.

MENSAGEM DA CHINA À INDIA

AMIZADE
SEMPRE
JOVEM

Como as Verdes

Montanhas



DE MAO TSE-TUNG A RAJENDRA PRASAD
Mao Tse-tung, presidente da China Popular, enviou a seguinte mensagem ao presidente da República da Índia, sr. Rajendra Prasad, por motivo da passagem do 8º aniversário da proclamação da República, na Índia, a 24 de janeiro passado.

«Tenho a honra, em nome do povo chinês e do meu próprio, de enviar calorosas e cordiais congratulações à V. Excia. e ao grande povo da Índia. Que a tradicional amizade entre os povos da China e da Índia seja sempre jovem como as verdes montanhas e corra sempre para diante como os claros rios. Possa ela ser fortalecida e desenvolvida incessantemente. Desejo boa saúde a V. Excia.

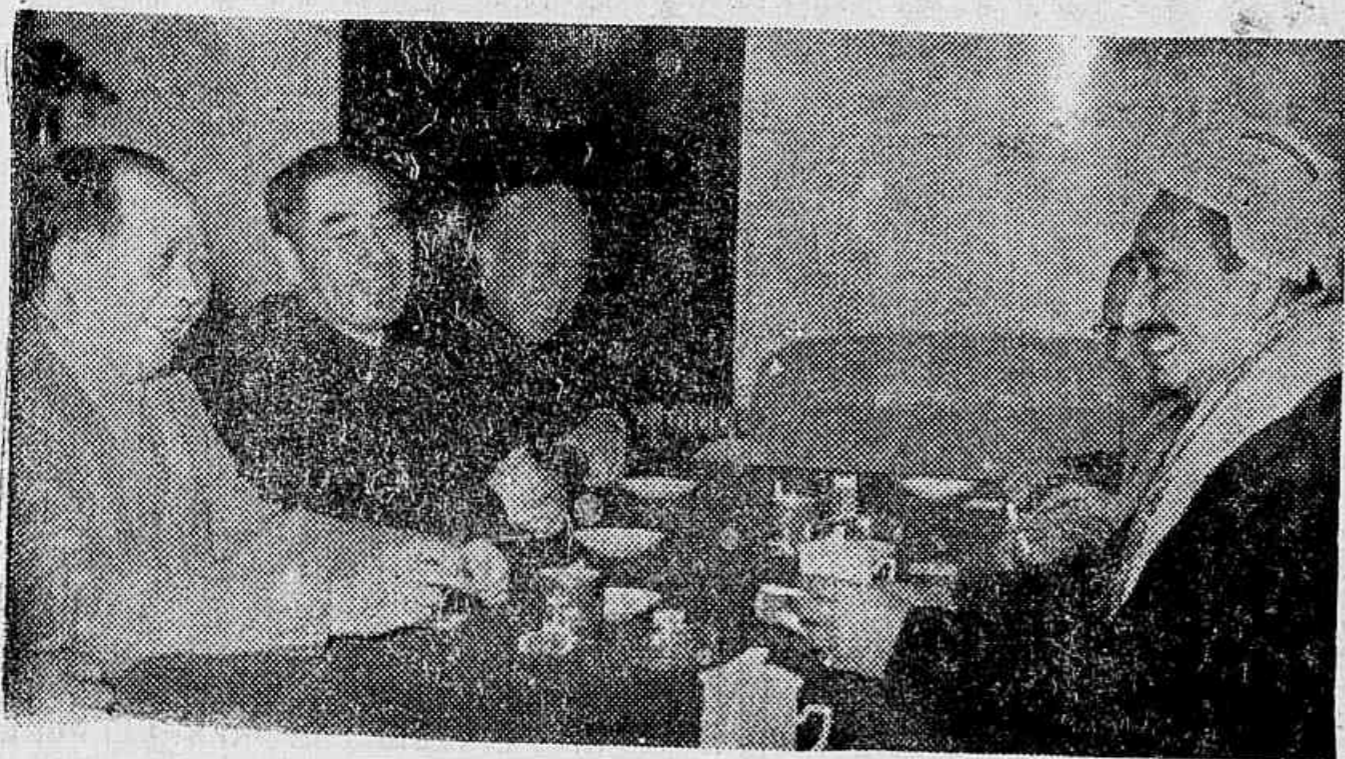
DE CHU-EN-LAI A NEHRU

O premier da China, Chu En-lai, enviou mensagem de saudações ao Primeiro Ministro da Índia, Jawaharlal Nehru, também por motivo do Dia da República.

«Na feliz oportunidade do Dia da República na Índia, tenho a honra, em nome da República Popular da China e em meu próprio de enviar-lhe e a seu governo minhas calorosas congratulações.

O povo chinês assiste prazeroso o fato de que a República da Índia, esteja desempenhando um importante papel nas questões internacionais. A atitude positiva de V. Excia., diante do problema da redução dos armamentos e proscricção das armas nucleares e o seu recente apoio às propostas de uma conferência de cúpula e um tratado de não-agressão entre o Ocidente e o Oriente foram aclamadas por todas as pessoas amantes da paz, em todo o mundo. Espero ardentemente que a estreita amizade entre a China e a Índia se reforçará incessantemente, na base dos cinco princípios de coexistência pacífica e que os nossos dois países cooperarão mais estreitamente em nossa atividade pela salvaguarda da paz mundial, promovendo o relaxamento da tensão internacional e fortalecendo a solidariedade fraternal dos povos dos países da Ásia e da África.

COLABORAÇÃO ENTRE A CHINA POPULAR E O PRINCIPADO DO YEMEN



Mao Zedong recebeu o Príncipe Mohamed Al-Badr, do Yemen, no dia 3 de janeiro de corrente ano. O premier Chou En-Lai estava presente ao encontro.

FOI ASSINADO RECENTEMENTE UM ACÓRDO DE AJUDA MÚTUA ENTRE A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA E O PRINCIPADO DO YEMEN. APÓS NEGOCIAÇÕES ENTABULADAS ENTRE O PRÍNCIPE MOHAMED AL-BADR, QUE REUNE AS FUNÇÕES DE PREMIER-ADJUNTO, MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS E MINISTRO DA DEFESA NACIONAL DE SEU PAÍS, E OS DIRIGENTES DA CHINA POPULAR FOI FINALMENTE APROVADO UM ACÓRDO E DIVULGADO UM COMUNICADO CONJUNTO



Assinatura do acórdo entre a China e o Yemem. O premier Chou En-Lai (à direita) assina em nome da República Popular da China e o príncipe Mohamed Al-Badr (à esquerda) assina em nome do Yemem.